



**Universidade de Brasília**

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

**ESCOLA SERIADA X ESCOLA ORGANIZADA EM CICLOS:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

**Emerson Lopes Siqueira de Souza**

Professor-orientador Dr. Erisevelton Silva Lima

Professora monitora-orientadora Mestre Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida

Brasília (DF), Julho de 2014

**Emerson Lopes Siqueira de Souza**

**ESCOLA SERIADA X ESCOLA ORGANIZADA EM CICLOS:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professor-orientador Dr Erisevelton Silva Lima e da Professora monitora-orientadora Mestre Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Emerson Lopes Siqueira de Souza**

### **ESCOLA SERIADA X ESCOLA ORGANIZADA EM CICLOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

---

**Dr Erisevelton Silva Lima**  
**SEEDF/UnB**

(Professor-orientador)

**Mestre Silêda Maria Holanda de Souza Almeida**  
**SEEDF/UnB**

(Monitora-orientadora)

---

**Profa. Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira SEEDF/UnB**  
(Examinadora externa)

Brasília, 26 de julho de 2014

Dedico este trabalho a todos que estiveram comigo ao longo desta caminhada, aos professores coordenadores de cada disciplina, a minha professora tutora que nos direcionou em cada atividade desenvolvida e aos colegas de curso que foram fundamentais para que o processo de aprendizagem pudesse acontecer.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que me proveu saúde, inteligência e sabedoria para realização deste trabalho, a minha família pelo apoio e compreensão no decorrer desta jornada, agradeço a SEEDF e a UnB que nos oportunizou esse momento de aprendizado tão importante para os profissionais em educação, meus agradecimentos também a minha professora tutora na monografia pela paciência e orientações que tornaram possível a realização deste trabalho, por fim agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a construção e elaboração desta monografia.

## **EPÍGRAFE**

“A Educação Básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar ”. (LDBEN Nº 9394/96, art. 23)

## RESUMO

Esta monografia teve como objetivo geral pesquisar qual seria a melhor estratégia para organizar os alunos em uma escola em ciclos. Com isso problema de pesquisa abordou três objetivos específicos: Identificar as potencialidades e fragilidades da escola organizada em ciclos, analisar e comparar os objetivos da avaliação na seriação e nos ciclos e reorganizar a matriz curricular para contemplar o sistema de ciclos. O processo de investigação desenvolveu-se através do estudo de bibliografias construídas a partir de pesquisas e estudos sobre os ciclos de aprendizagem. A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa qualitativa e como instrumentos de investigação foram usados questionários com questões abertas, múltipla escolha e fechadas para cada segmento da comunidade escolar. Com a pesquisa realizada nesta monografia nota-se que uma das dificuldades em se implantar novas estratégias de ensino é a falta de infraestrutura das escolas e talvez a principal barreira para promover um trabalho pedagógico diferenciado e a falta de recursos humanos. Para tanto este trabalho mostrou que não há uma receita pronta de qual sistema de ensino é mais eficaz e nos direciona a perceber as mudanças no mundo a nossa volta e com isso devemos sim está sempre em constante evolução revendo os nossos conceitos e estratégias pedagógicas para proporcionarmos uma educação com qualidade a todos.

Palavras-chave: Ciclos de aprendizagem. Avaliação. Matriz-curricular.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
Princípios Norteadores .....	9
Organização Administrativa e Pedagógica .....	10
Organização Curricular.....	11
Projetos .....	12
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	13
Problematização .....	15
Objetivo Geral.....	15
Objetivos Específicos .....	15
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO I - POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DA ESCOLA ORGANIZADA EM CICLOS</b> .....	16
I.    Potencialidades .....	18
II.   Fragilidades .....	21
<b>CAPÍTULO II - OS OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO NA SERIAÇÃO E NOS CICLOS</b> .....	25
I.    Avaliação na escola seriada.....	27
II.   Avaliação na escola organizada em ciclos.....	29
III.  Avaliação na seriação x avaliação nos ciclos : Breve Comparação .	33
<b>CAPÍTULO III – REORGANIZAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR PARA COMTEMPLAR O SISTEMA DE CICLOS</b> .....	35
I.    Contexto da proposta curricular nos ciclos .....	35
II.   Proposta Curricular no contexto do MEC .....	38
III.  Currículo em Movimento no Distrito Federal .....	40
<b>CAPÍTULO IV - METODOLOGIA</b> .....	44
4.1 Tipo de pesquisa.....	44
4.2 Sujeito da pesquisa .....	44
4.3 Instrumento\procedimento para coleta de dados .....	45
4.4 Análise dos dados.....	45
<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
<b>APÊNDICE</b> .....	60



## INTRODUÇÃO

O Centro de Ensino Fundamental Palmeiras é uma Instituição de Ensino que atende às séries finais do Ensino fundamental, em dois turnos, matutino e vespertino. Está localizada na área urbana, Brasília – DF.

Funcionam nesta Instituição 26 turmas do 6º ao 9º ano, 12 oficinas do Programa Escola Aberta, um Centro de Iniciação Desportiva (CID) de Ginástica Olímpica; uma sala de leitura; secretaria escolar informatizada; um auditório com capacidade para 150 pessoas; sala de recursos, sala de atendimento do Serviço de Orientação Educacional e sala para coordenação dos professores.

A direção compõe-se de um diretor, uma vice-diretora, uma supervisora Administrativa e uma chefe de secretaria e o corpo docente é formado por 36 professores regentes distribuídos nos dois turnos e atividades já descritas, 11 readaptados, 16 servidores da carreira assistência à educação, além de 12 servidores terceirizados.

O corpo discente tem aproximadamente 850 alunos, distribuídos nos dois turnos, acrescidos de outros alunos dos cursos oferecidos à comunidade (alunos de outras escolas públicas, particulares e comunidade não estudantil).

A maior parte do corpo discente e docente reside nas proximidades da escola. Uma parcela menor reside em outras cidades e regiões vizinhas. O corpo docente é composto de parte dos professores residentes na região e parte em outras localidades próximas.

Os alunos ANEEs (alunos com necessidades educacionais especiais), inclusos em turmas regulares, são acompanhados pelo Serviço de Orientação Educacional e orientados, na realização de tarefas, pela Sala de Recursos.

## PRINCÍPIOS NORTEADORES

O Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal servirá também como referência para a construção que se inicia na escola onde se busca uma educação inserida num contexto que precisa abandonar o enciclopedismo e tornar-se temporal. Conceitos como aprendizagens significativas,

habilidades, competências, interdisciplinaridade e, por último, temas transversais precisam deixar de ser algo inatingível para o professor e tornar-se prática rotineira.

A busca da gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos da escola nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas.

## **ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E PEDAGÓGICA**

O Centro de Ensino Fundamental Palmeiras possui 13 salas para o atendimento ao ensino regular e mais 08 salas onde são desenvolvidas atividades de Banda, Artes, Ginástica Olímpica, Laboratório de Ciências, Laboratório de Informática, SOE, Sala de Coordenação, Sala de Recursos, Sala de Leitura, ainda existem auditório (com sala de som, banheiros e vestiários), uma quadra poliesportiva, secretaria e mecanografia, duas salas de assistência da direção, sala da direção, sala dos professores, sala dos professores de educação física, salão de educação física, sala para os servidores, sala das coordenadoras, cantina, lanchonete comercial e 4 depósitos.

A escola possui 58 professores, 02 especialistas em educação e 26 auxiliares de ensino, profissionais que são diretamente responsáveis pela qualidade e importância apresentadas.

O SOE – Serviço de Orientação Educacional, dirigido por dois Orientadores Educacionais, atua na orientação dos hábitos escolares, organização dos representantes de turma, atendimento e encaminhamento dos alunos com aparentes necessidades especiais para os respectivos diagnósticos e prevenção aos fatores que interfiram no Processo Ensino Aprendizagem, dentre outros.

A Sala de Recursos atua no acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais especiais e outros encaminhados pelo Conselho de Classe e SOE.

## ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Projeto Político Pedagógico apresenta-se em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o desenvolvimento curricular, destacando-se os Projetos Interdisciplinares definidos pela escola, dentro do seu contexto. O Currículo de Educação Básica constitui peça de orientação principal para esta organização, observando-se nesta distribuição a relevância dos fundamentos filosóficos e sociopolíticos da educação. Destaca-se ainda a inclusão da Cultura Afro-Brasileira e Africana nos conteúdos de Arte e História, de acordo com a LDB (1996): Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

§ 1 O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Incluído pela Lei nº 10.639, de 9.1.2003)

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A grade curricular está distribuída, conforme demonstrado no quadro a seguir:

### TURNO MATUTINO

COMPONENTE CURRICULAR	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
Matemática	5	5	5	5
Ciências Naturais	4	4	4	4
Arte	2	2	2	2
Português	5	5	5	5
Geografia	3	3	3	3
História	3	3	3	3
Educação Física	3	3	3	3
PI – Ed. Ambiental	2	2	2	2

PI – Princípios de Ética e Cidadania	1	1	1	1
Inglês	2	2	2	2
TOTAL	30	30	30	30

### TURNO VESPERTINO

COMPONENTE CURRICULAR	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
Matemática	5	5	5	5
Ciências Naturais	4	4	4	4
Arte	2	2	2	2
Português	5	5	5	5
Geografia	3	3	3	3
História	3	3	3	3
Educação Física	3	3	3	3
PI – Ed. Ambiental	1	1	1	1
PI – Princípios de Ética e Cidadania	2	2	2	2
Inglês	2	2	2	2
TOTAL	30	30	30	30

### PROJETOS

O Centro de Ensino Fundamental Palmeiras como parte integrante da estrutura que compõe a Secretaria de Estado de Educação participa efetivamente dos diversos programas e projetos orientados e por ela implementados. A escola desenvolve ainda:

1. Programa Escola Aberta;
2. Projeto de Vôlei;
3. CID de Ginástica Olímpica;
4. Projeto Linguagem Interativa / Banda Marcial;
5. Projeto de Educação Ambiental
6. Projeto Interdisciplinar de Princípios de Ética e Cidadania.
7. Projeto da Banda Musical
8. Projeto de Mediação

## Justificativa

A história da educação a nível mundial vem desde as sociedades primitivas até as sociedades pós modernas e contemporâneas, retrata as diversas formas de ensino aplicadas em cada época. Percebe-se uma constante evolução e transformações na forma de ensinar determinadas pela realidade de cada lugar, da época em que viviam e principalmente pelos objetivos que pretendiam alcançar através do ensino/aprendizagem. Nesse sentido nota-se que mudar o sistema de ensino não apenas uma troca de metodologias, mas buscar uma nova estratégia que possibilite atingir os objetivos e metas que o sistema atual não consegue.

Embora não existissem educação na forma de escolas, as sociedades primitivas tinham o objetivo de ajustar a criança ao seu ambiente físico e social, através da aquisição das experiências, assim também boa parte das civilizações posteriores tinha objetivo na formação do indivíduo visando sempre o preparo do mesmo para uma vida em sociedade, objetivos bem semelhantes ao que consta em nossa Constituição Federal de 1988 na seguinte citação.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

É importante observar que o objetivo de formar o indivíduo para o pleno exercício da cidadania ao longo da história é constituindo de imposições onde o mesmo é obrigado a se enquadrar nos padrões estabelecidos pelos sistemas de ensino, nesse contexto surge então a classificação dos indivíduos e porque não dizer a rotulação.

Tratando-se de Brasil a imposição de regras e padrões começou com a tentativa dos jesuítas em doutrinar os índios que aqui viviam na época. A educação brasileira passou e ainda passa por diversas mudanças no decorrer de sua história, muitas dessas mudanças ocorreram para tentar acabar com o analfabetismo, porém ainda hoje temos um grande índice de analfabetismo, crianças sem o acesso a

escola e grande parte dos que tem acesso estão evadindo por várias razões, uma delas é o excesso de reprovação.

Segundo Prates (2013), o Brasil está entre os 35 piores em educação no ranking mundial, o que nos coloca na 88ª posição de 122 países. Isso mostra o quanto nosso sistema de ensino é fragilizado e precisa urgentemente de mudanças significativa no processo de ensino/aprendizagem. O Brasil está bem aquém das metas projetadas para o IDEB, aqui no Distrito Federal a situação da educação não está muito diferente do restante do país, e observando as fragilidades do atual sistema de ensino e vendo uma necessidade de mudanças, e a partir de 2012 está sendo discutido e implantado por adesão uma nova estratégia de ensino onde a escola será organizada em ciclos de aprendizagem, rompendo assim com a estrutura classificatória da seriação.

Com base no histórico de uma educação classificatória e exclusiva que nos remete a baixos índices de desenvolvimento, faz-se justo e necessário a implantação de uma nova metodologia de ensino que respeite o tempo de aprendizagem dos alunos e em tempo oportuno ofereça ao discentes uma aprendizagem mais significativa de modo que essa possa contribuir o quanto antes para o crescimento e desenvolvimento do nosso país. Desse modo implantar os ciclos de aprendizagem nas escolas do Distrito Federal nos oportuniza a resgatar e elevar a qualidade da educação no Distrito Federal.

## Problematização

Como tem-se organizado os alunos e da matriz curricular com a escola trabalhando em ciclos?

## Objetivo Geral

- Analisar as práticas realizadas para organizar os alunos dentro de cada ciclo, analisar e reestruturar a matriz curricular de maneira que essa venha atender por completo as expectativas do ensino/aprendizagem nos ciclos.

## Objetivos Específicos

- Identificar as potencialidades e fragilidades da escola organizada em ciclos.
- Analisar e comparar os objetivos da avaliação na seriação e nos ciclos.
- Analisar a matriz curricular para contemplar o sistema de ciclos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### **CAPÍTULO I - Potencialidades e fragilidades da escola organizada em ciclos**

Villas Boas (2013), comenta que o sistema seriado é conhecido de todos e como estudamos seguindo essa organização temos dificuldade em aceitar outra forma de funcionamento da escola. E explica que no regime seriado os educandos ficam agrupados pelo nível de aprendizagem o que denominamos de séries, essas series comumente tem várias turmas que começam o ano letivo juntas e realizam as mesmas ao mesmo tempo as mesmas atividades. Na seriação todos os alunos da mesma série são avaliados em um processo comum a todos, há escolas que promovem a semana de provas onde as avaliações são aplicadas no mesmo horário a todos alunos para facilitar o trabalho dos professores.

Para a mesma autora os ciclos propõem uma estratégia diferente ao trabalho escolar e coloca que os ciclos não é um simples agrupamento de anos ou séries e é necessário observar se o Bloco Inicial de Alfabetização – BIA não está apenas trocando o nome “séries” por “anos”. Para ela os ciclos possibilitam uma organização escolar mais flexível valorizando a conquista das aprendizagens pelos alunos em uma nova compreensão do tempo e do espaço escolar. Os tempos da escola e os tempos dos alunos tomam nova dimensão, onde o tempo escolar deixa de ser somente o horário da aula, das atividades de cada dia, semana, bimestre e ano letivo. As atividades não são concluídas no final de cada bimestre, o tempo da escola se mistura ao tempo do aluno, com isso trabalha-se com o tempo que o aluno precisa para alcançar as suas aprendizagens e não apenas com o tempo determinado pela escola como se aplica no regime seriado. O espaço de aprendizagem se torna mais amplo indo além das salas de aulas e das escolas com isso os espaços virtuais passam a ser um grande aliado.

Mainardes (2011 p.4) faz a seguinte colocação:

A partir dos anos 1990, uma variedade de modalidades de ciclos fora sendo implementados: Ciclos de Aprendizagem, Ciclos de formação, Regime de Progressão Continuada, Bloco Inicial de Alfabetização,



entre outras designações. Segundo dados do MEC/INEP, em 2006, 9,72% das escolas (18,17% das matrículas) de Ensino Fundamental estavam organizadas em ciclos. Além disso, outras 7,16% das escolas (14,5%) estavam organizadas em séries e ciclos. Embora todas as modalidades existentes objetivem superar a escola seriada e suas limitações (reprovação, seletividade, exclusão, etc), há diferenças entre elas. Por exemplo, em sua concepção original, algumas propõem uma ruptura radical com a reprovação e com as formas convencionais de organização curricular (como é o caso dos Ciclos de formação em sua proposta original, do final dos anos 1990 e atualmente bastante modificada em cada contexto). Outras modalidades propõem alterações menos radicais e não se opõem à reprovação de alunos ao final de cada ciclo de 2 ou 3 anos (Ciclos de Aprendizagem). Além disso, a política de ciclos pode assumir características variadas em cada rede de ensino, em virtude das arquiteturas político-ideológicas, concepção de Estado e educação que orienta os mandatos, nível de conhecimento especializado dos gestores educacionais, entre outras razões.

Estamos discutindo no Distrito Federal os ciclos de aprendizagem, aprovado pelo Conselho de educação e em alguns momentos na fala de alguns colegas professores, parece que estamos estudando uma estratégia pedagógica ainda desconhecida, quando na verdade já estamos desde 2005 nos relacionando com escolas em ciclos. Portanto é preciso aproveitar o momento oportuno onde estamos discutindo e analisando a expansão dos ciclos de aprendizagem, verificar e sondar todas as potencialidades que proporciona aos ciclos ser a melhor opção para uma educação de qualidade no DF e diagnosticar as fragilidades que impossibilita o sucesso na aprendizagem dos alunos.

No caso do DF, que implantou o BIA em 2005, é hora de se criarem os blocos seguintes para que se constitua a verdadeira escola em ciclos”, afinal o que se pretende para o ensino fundamental de 9 anos é tê-lo todo em ciclos de aprendizagem, abandonando o processo de seriação. ( VILLAS BOAS, 2012. p. 1 )

Para que possamos nos aprofundar na dimensão que os ciclos de aprendizagem é preciso fazer uma análise nas potencialidades e fragilidades de uma escola organizada em ciclos.

## I. Potencialidades

Observando a trajetória da escola seriada podemos perceber que o desenvolvimento social, mental e o seu tempo de aprendizagem é totalmente ignorado, tendo a concepção que todos devem aprender juntos no mesmo período de tempo. A aprovação para a próxima série é somente baseada no rendimento escolar, sendo que os conteúdos trabalhados em uma série são considerados pré-requisitos para a próxima. Neste caso quando o aluno não apresenta domínio em um percentual mínimo de conteúdos o mesmo é submetido a uma reprovação e deverá no próximo ano rever novamente todos os conteúdos inclusive os ele já domina bem. É a partir desse processo rígido e incompreensível que é gerado nos alunos a baixa-estima, insegurança, desinteresse nos estudos, indisciplina entre outras frustrações.

Diante de tais circunstâncias provocadas em torno de uma escola seriada, os ciclos de aprendizagem nos potencializa a viver uma nova realidade dentro de uma instituição de ensino, pois quando nos organizamos a partir dos ciclos também reorganizamos o nosso modo de pensar e passa a perceber que cada criança tem seu tempo e seu modo de aprender, compreendemos que o aprendizado não linear e devemos respeitar o ritmo de cada um.

A respeito da organização em ciclos, Santos (2005, p.148), expressa que:

É uma organização que parte do pressuposto de que cada tempo de vida do indivíduo constitui a formação e desenvolvimento cognitivo, afetivo, social, cultural, ético, corpóreo, etc. Nessa concepção de educação o importante é respeitar e entender os tempos da vida humana, considerando os ciclos de socialização, de aprendizados, de formação humana.

Percebendo que no decorrer da vida de um indivíduo ele desenvolve os seus conhecimentos em várias etapas da vida e que em cada etapa esses conhecimentos tem um significado e uma importância relativa ao momento passamos na vida, entendemos que um conteúdo pouco dominado por um aluno não é motivo para uma retenção, pois o aluno pode no ano seguinte compreender de forma mais significativa esse conteúdo mesmo sem rever tudo novamente. Nesse

sentido os ciclos de aprendizagem trazem uma nova ideia de ensino e proporciona aos educandos respeito a seu tempo de aprendizagem.

Com uma organização escolar em ciclos conseguiremos democratizar o ensino, onde todos terão oportunidades iguais mesmo que em tempos diferentes, com a escola seriada muitos são excluídos e desacreditados o que podemos perceber claramente com o fracasso da educação não só no Distrito Federal como em todo Brasil. Diante de tal fato de tristeza reorganizar o espaço e o tempo escolar é extremamente necessário para nossa educação, para isso os ciclos tem se tornado o melhor caminho.

No decorrer das discussões acerca deste tema muitos imaginam os ciclos como sinônimos de baixa qualidade de ensino pelo simples fato de não haver reprovação em algumas etapas, quando na verdade uma das potencialidades dos ciclos é preocupação com a democratização de um ensino de qualidade com reais condições de aprendizagem para todos. Essa qualidade no ensino é concebida a partir da contextualização dos conteúdos de acordo com a realidade de cada comunidade em que está inserida a escola, com isso a aprendizagem passa ser mais significativa e os conteúdos passarão ser melhor compreendido pelos alunos.

Segundo Arroyo (2003, p.1):

O fato de uma adolescente não saber ler não quer dizer que ele parou de crescer, ele continua sendo um ser humano que cresceu como ser humano. Os seres humanos não param de crescer em sua mente, em sua socialização, em sua autoestima, ou na sua capacidade de interpretar o mundo, independentemente de saber ler ou não. Se fosse assim, os analfabetos seriam criancinhas, e não são! Pode haver um analfabeto que é líder sindical, líder de bairro, que dá conta de trabalhar, de construir uma família, de amar, de ter uma visão do mundo, às vezes mais lúcida do que uma pessoa que sabe ler. Ou seja, o ser humano não para porque sabe ou não sabe ler. Agora, a função da escola, a nossa função como educadores (as), é que ele saiba ler, mas no tempo em que ele está, não ignorando esse tempo. Não estaremos desmerecendo o direito à leitura, à escrita, estamos dando a esse direito concretude humana. O respeito a seu tempo humano, cultural, mental, social, indenitário vale para toda proposta de formação.

Com essa afirmação percebe-se que um grande potencial de uma escola organizada em ciclos é olhar os seus alunos como seres humanos agentes transformadores do meio em que vivem, que apesar de não obterem certos pré-requisitos para o desenvolvimento científico formal são seres capazes de absorver o conhecimento e colocá-lo em prática no seu cotidiano. Respeitar o tempo de cada um sem negligenciar o direito de aprender oportunizando-o em tempo hábil, provocar uma reflexão na formação e na maneira de ensinar do educador e reorganizar o espaço e tempo escolar faz dos ciclos um princípio necessário para transformação da educação Brasileira afim de se busca qualidade e eficiência. Para Santos (2005, p.152)

A organização escolar em ciclos visa essencialmente adequar o tempo escolar ao desenvolvimento global do aluno, considerando suas características individuais e culturais, satisfazendo a individualidade de cada um, ou seja, o fato do indivíduo entrar tardiamente na escola ou de frequentar uma série em defasagem com sua idade, não impede que o processo de desenvolvimento tenha seguido seu curso. Entende-se, portanto, que a escolaridade propicia uma aprendizagem específica, porém o desenvolvimento global do educando caracteriza-se por outras aprendizagens além das escolares. Essa constatação manifesta indagações no contexto escolar questionando, por exemplo, a baixa aprendizagem de muitos alunos, uma vez que a pedagogia moderna entende que todo o ser humano é capaz de aprender se tiver asseguradas as condições básicas para tal fim. É aí, nas individualidades, nas condições diferenciadas de aprendizagem, que, entre outros aspectos, justifica-se a organização do ensino em ciclos. (SANTOS, 2005, p.124)

Uns dos desafios na implantação dos ciclos é a reorganização do espaço e do tempo, mudanças nos atos da gestão, na avaliação, no currículo e na prática pedagógica dos professores. São desafios que necessitam ser aceitos e compreendido por todos envolvidos para que assim haja um total rompimento como o modelo de seriação. Garantir que essas mudanças aconteçam é de fato promover uma educação de qualidade que prioriza e valoriza o desenvolvimento humano, tornando significativo o conhecimento transmitido dentro das escolas.

Lima (2002, p. 29) justifica a organização do tempo escolar em Ciclos afirmando que:

Ciclo não é solução para o fracasso escolar, não vem como mera contraposição à seriação. É uma proposta de reformulação da estrutura escolar, que sustenta um processo contínuo constituído pelas atividades de ensino e as atividades necessárias para a aprendizagem, levando, assim, ao desenvolvimento humano de todos os educandos. A proposta de ciclos encerra a tentativa de se organizar um processo de ensino e aprendizagem que se adeque às características do desenvolvimento humano que é, essencialmente, diverso e que se efetua por idas e vindas até que o educando constitua determinado conceito, entenda e utilize um sistema simbólico, utilize os conceitos formais para a compreensão da vida cotidiana, constitua formas novas de pensamento e se situe em relação ao conhecimento.

Contudo, percebe-se que verdadeiramente é preciso desconstruir muitos conceitos adquiridos no decorrer de nossa vida acadêmica e construir um novo olhar sobre a maneira de organizar uma escola, de transmitir o conhecimento, de avaliar a aprendizagem, na formação do profissional de educação, enfim devemos ser flexíveis com as transformações no desenvolvimento dos seres humanos, assim conseguiremos promover um mundo mais justo onde todos tenham as mesmas oportunidades.

## II. Fragilidades

A implantação dos ciclos nas escolas do Distrito Federal é algo que tem gerado muitas discussões entre os que entendem a metodologia dos ciclos e acredita que essa nova maneira de se fazer educação e o melhor caminho para o sucesso escolar e os opositores que permanecem acreditando no sistema seriado onde o aluno é classificado pelo domínio de conteúdo, em consequência disso os que obtêm domínio imediato dos conteúdos são aprovados e aqueles que não conseguiram assimilar em tempo oportuno são retidos. Diante desse confronto de ideias percebe-se no primeiro momento uma certa fragilidade na compreensão dos ciclos, apesar de muito já se ter discutido acerca dos sistemas de ciclos, pesamos que necessário enfatizar mais a estratégia de intervenção no dia a dia dos alunos. Acredita-se que enquanto o foco ficar na progressão continuada e com o sentido de que apenas não haverá reprovação os ciclos será sempre fragilizado e desacreditado por muitos.

Com a implantação do BIA – Bloco Inicial de Alfabetização foram criadas várias estratégias de intervenção, como por exemplo o Projeto Interventivo. Porém ao se construir os primeiros projetos interventivos houve uma falha no entendimento dos professores que imaginavam o projeto como complemento com atividades extraclasse. A esse respeito Villas Boas (2010, p.48) expressa que:

O Projeto Interventivo traz a possibilidade de os professores aprenderem a olhar cada aluno. Em 2005, os primeiros projetos de Ceilândia não “olhavam” o aluno. Não se dirigiam às suas necessidades. Abordavam temas genéricos, como hortas e atividades artísticas e lúdicas. O entendimento inicial era o de que esse projeto fosse uma complementação das atividades de sala de aula, em outros momentos.

Percebe-se que nos primeiros anos de implantação do BIA, o mesmo foi fragilizado na intervenção, no olhar diferenciado para o aluno, como isso culminou uma série de desconfiança a respeito do BIA e por seguinte os ciclos. Atualmente temos projetos que são construídos para atender as necessidades de aprendizagem dos alunos no entanto ainda enfrentamos dificuldades que fragilizam à aplicação dos projetos interventivos, com isso os alunos não atingidos de acordo com a proposta do Bloco I nos dois primeiros anos e acabam por gerar os chamados gargalos no 3º ano. A fragilidade aqui se acentua na ideia que a Secretaria de Educação do Distrito Federal tem em focar as formações acerca do BIA, somente para professores que no momento da formação estão atuando com o Bloco I, à primeira vista parece se o ideal para uma formação de sucesso, porém se esquecem que muitos professores que atua fora do Bloco I podem no ano seguinte está lecionando no BIA, e com isso nos deparamos com professores despreparados que desconhece a proposta do BIA e que trabalham com uma visão de seriação o que fatalmente vem fragilizando a implantação dos ciclos nas escolas.

Perceber que o aluno não é do professor, é da escola”. A necessidade acima foi apontada por uma professora de uma escola que começou a trabalhar com o BIA em 2008. Esse tem sido um dos desafios do BIA, porque as turmas funcionam em escolas onde existem também os anos que lhe dão continuidade. Se nem todos os professores do BIA conhecem sua proposta pedagógica, como afirmou um número significativo deles, o mesmo acontece com os de outras turmas da escola. Essa constatação se estende ao

desconhecimento da proposta pedagógica do BIA pelos gestores, conforme indicou parte dos professores: (VILLAS BOAS, 2010, p.49)

Observa-se que além de um percentual significativo de professores desconhecerem a proposta pedagógica do Bloco I, com tristeza nos defrontamos com gestores que estão descompromissados ignorando a real proposta pedagógica que compreende o BIA. Em uma fala popular podemos dizer que; em quanto alguns colegas estiverem jogando contra o time teremos um sistema de ciclos fragilizados.

Villas Boas (2010, p.54) ainda complementa que:

Professoras afirmaram que “muitas vezes os gestores por ‘incompetência’ desfazem o que vem sendo feito no pedagógico” e que o Projeto Interventivo precisa ser “abraçado por todos os professores e principalmente entendido pela direção e coordenadores”.

Outro fator de relevância que tem desestimulado os professores é os cursos de formação oferecidos pela Secretaria de Educação. Esses cursos não têm contemplado as necessidades dos professores, no que implica uma grande desistência por parte dos poucos que participam das formações. O que acaba acontecendo é docentes que continua desconhecendo a proposta do Bloco I, os que completam a formação para receberem o certificado, permanecem ainda com grandes dificuldades em desenvolver os ciclos de maneira adequada. A verdade é que a maioria dos tutores formadores não conhecem na prática o trabalho em uma escola realmente em ciclos, saber apenas a proposta é muito pouco para capacitar os docentes que estão em sala de aula lidando com as adversidades. Ainda que não haja uma receita pronta para cada realidade faz-se necessário um norteador padrão que abarque a realidade da maioria, afinal não se pode passar anos e anos fazendo testes para se achar uma base sólida aos ciclos.

A esse respeito Villas Boas (2010, p.51) nos relata que:

Os professores reconheciam a necessidade de formação continuada, mas não consideravam satisfatórias as atividades desenvolvidas. Afirmaram que os cursos têm sido “fracos”, alguns tutores de cursos

não conhecem a proposta pedagógica do BIA e que as práticas avaliativas apropriadas ao BIA e o Projeto Interventivo não têm merecido atenção. Segundo eles, são necessários “muito estudo, palestras e leituras”; “ainda precisamos refletir bastante acerca da prática avaliativa para proporcionarmos educação que realmente considere a realidade do aluno e que o faça sentir prazer em participar do processo”. Suas percepções coincidem com os resultados da pesquisa realizada por Mainardes e Gomes (2008, p. 9): “as estratégias de formação permanente dos professores têm sido frágeis e insuficientes para garantir-lhes um domínio aprofundado e abrangente das questões teórico-práticas referentes à avaliação da aprendizagem”. Dada a importância do Projeto Interventivo, ele deveria ocupar grande parte dos momentos da coordenação pedagógica, espaço garantido para formação continuada nas escolas públicas do Distrito Federal.

Para Gomes (2003) falta mais entrosamento entre as partes que compõem os órgãos educacionais e isso acaba gerando falhas durante processo de implantação dos ciclos, o sai da central chega nas escolas de forma distorcida inviabilizando em alguns aspectos a aplicação correta da proposta. Essas falhas acontecem pela carência de informação em várias fases do processo, perdendo assim a essência e visão norteadora que fundamenta a razão de ser dos ciclos.

Nas múltiplas situações em que os ciclos apresentavam dificuldades de implantação, o magistério, sem adequados capacitação e envolvimento, não logrou superar os padrões que balizavam sua formação, experiência e rotinas simplificadas (sobretudo na avaliação), rejeitando um caminho mais difícil, porém de resultados tidos como mais promissores. Com isso, no que tange ao currículo e à avaliação houve uma série de desvios, com adesão formal às novas normas, de tal modo que em muitos casos não se verificou a implantação integral dos ciclos. (GOMES, 2003 p. 42).

Os ciclos sem dúvidas apresentam uma enorme potencialidade afim de transformar com qualidade a educação não só no Distrito Federal como também no Brasil, diante das literaturas estudadas encontra-se forte fundamentações para efetivar o sistema de ciclos, no entanto devemos estar atentos para as fragilidades que além de dificultar o processo de implantação coopera para o insucesso após a implantação. Em face dessas duas situações é imprescindível prudência e sabedoria por parte de todos envolvidos.



## **CAPÍTULO II - OS OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO NA SERIAÇÃO E NOS CICLOS**

A avaliação como ferramenta indispensável no processo de ensino aprendizagem, é um dos temas mais discutidos nesse momento em que estamos buscando viabilizar uma nova organização pedagógica dentro das escolas do Distrito Federal. Acredita-se que à avaliação e o ponto que mais provoca polêmicas entre a seriação e os ciclos de aprendizagem, essas duas vertentes apresentam formas de avaliações totalmente distintas. Avaliar é um processo que visa alcançar vários objetivos e não somente classificar quem será aprovado ou reprovado como muitos costumam pensar. Ainda hoje à avaliação provoca tensão e medo aos que a ela são submetidos, isso é fruto de avaliações totalmente classificatória e punitiva que perdura a séculos no universo educacional e fora dele.

Boa parte da sociedade brasileira vivenciou à avaliação oriunda da seriação, podemos quase que afirmar que todos os profissionais em educação que ainda permanecem em atividade tiveram uma formação em escolas seriadas. Nesse sentido nota-se que a educação brasileira continua fortemente ligada ao sistema avaliativo da seriação, mas uma discreta e crescente parte dos profissionais em educação estão aderindo ao sistema avaliativo proposto pelos ciclos de aprendizagem.

A avaliação na escola vem sendo questionada não somente quanto aos instrumentos utilizados, mas também no que diz respeito à sua elaboração, aplicação e, principalmente, acerca do que é realizado com os seus resultados. Muitas vezes, a preocupação com os resultados das avaliações se restringe apenas ao valor numérico alcançado pelo aluno; quando o aluno não apresenta uma nota ou uma menção dentro da média estabelecida como satisfatória, nem sempre há uma reorganização do trabalho pedagógico, com vistas a atender às suas necessidades de aprendizagens. (PEREIRA, 2007 p.3)

Para Pereira (2007), a dimensão da avaliação pode ser vista como um ato burocrático e que avaliar é entendido como instrumento para medir o sucesso ou fracasso dos educandos, desse modo eles estariam sendo colocados a margem do processo educativo. Com isso ainda coloca que todos os que se preocupam com à avaliação analisam a necessidade de mudar o olhar sobre as formas avaliativas

vigentes e promover o entendimento que avaliação e as aprendizagens fazem parte do mesmo processo.

Optar por uma avaliação que valoriza o desenvolvimento humano dos alunos tem gerado uma certa desconfiança por parte dos pais em relação à aprendizagem de seus filhos, muitos pais costumam questionar o fato de seus filhos não serem avaliados somente pelas provas e reclamam quando a mesma não é aplicada aos alunos. O que se percebe é que a sociedade precisa ser melhor esclarecida acerca das avaliações, essa visão que gira em torno de uma nova concepção avaliativa precisa ser compreendida pelos pais, alunos e por vários profissionais de educação. E por não assimilar os objetivos dessa nova proposta de avaliação acabam por desvalorizar o ensino achando que não há necessidade de estudar, ou se pensa que não é mais preciso verificar o aprendizado dos alunos.

Sobre essa visão da avaliação na escola seriada Freitas (2003 p.3) explica que:

Historicamente, a escola se distanciou da vida, e a compreensão disso é fundamental para se compreender a avaliação na escola. Esse afastamento foi ditado por uma necessidade do capitalismo de uma escola para preparar rapidamente, e em série, recursos humanos para alimentar a produção de forma hierarquizada e fragmentada. Esse afastamento da vida real levou aos processos de aprendizagem artificiais necessários para facilitar a aceleração dos tempos de preparação dos alunos. Ensinar de uma maneira tradicional –verbal e por série – é mais rápido do que por métodos ativos que exijam a participação dos alunos. A necessidade de preparação de mão de obra no capitalismo fez com que a escola tratasse o conhecimento como algo partido em disciplinas, distribuído por anos e os anos foram subdivididos em partes menores que servem para controlar uma certa velocidade de aprendizagem do conhecimento.

Afim de visualizar melhor os objetos das avaliações empregados tanto na seriação como nos ciclos iremos tratar separadamente essas duas esferas de ensino analisando os princípios que norteiam cada uma no que diz respeito à avaliação. Iniciaremos os estudos tratando da avaliação na perspectiva da seriação em seguida falaremos da avaliação na visão dos ciclos e para concluir faremos uma breve comparação entre os dois conceitos de avaliação.

## I. Avaliação na escola seriada

Para Freitas (2003) após transmitir uma certa quantidade de conhecimentos aos alunos em um período de tempo, achou-se conveniente avaliar para verificar se houve assimilação ou não do conhecimento. Diante desta avaliação quem assimila é promovido a próxima série e quem não assimila é retido na mesma série e em alguns casos até saem da escola. O fato da vida ter ficado no lado externo das escolas, e com ela os motivadores naturais, motivou a introdução de instrumentos artificiais de avaliação (provas, testes, entre outros). A partir de então surgiu um sistema avaliativo baseado em notas, com a intenção de estimular a aprendizagem e de controlar o comportamento disciplinar dos estudantes.

As avaliações têm o objetivo de medir o conhecimento através de menções que comumente representadas de 0 à 10, existem outras formas de mencionar as notas como por letras do alfabeto, por excelente, ótimo, bom, regular, ruim, péssimo. Na seriação a aprovação ou reprovação está diretamente condicionada ao índice de acertos realizado em uma determinada avaliação, o que de certa forma provoca nos alunos um mecanismo de troca, estudar para obter nota e mesmo que não tenha assimilado os conteúdos vai prevalecer a nota. Nessa proposta de avaliação o ato de estudar está focado em atingir a nota mínima e não em buscar o conhecimento. Freitas, (2003 p. 4) expressa que “Analisando a avaliação normalmente feita na escola seriada notamos que o centro da aprendizagem é a avaliação e aprovação do professor e não aprender para intervir na prática social. Essa é a raiz da artificialidade da avaliação”.

O sistema avaliativo da escola seriada principalmente a pública tornou-se um mecanismo de controle dentro da escola e na sala de aula, sempre nos deparamos com os professores dizendo aos alunos que o comportamento vale nota, que se conversar muito vai perder pontos. Muitos alunos são inibidos por este tipo de atitude dos professores e com isso deixam de participar das aulas não tiram suas dúvidas e conseqüentemente vão deixando de aprender. E para culminar o fracasso do aluno o mesmo é submetido a tal avaliação e considerando que ele já sabe que

não assimilou por completo os conteúdos, mais despreparado psicologicamente ele estará e portanto não realizará boa avaliação. Com isso esse aluno será um forte candidato a reprovação.

Para o sistema, ideologicamente, é importante manter todas as crianças dentro da escola porque a simples estada do aluno na escola já ensina as relações sociais hegemônicas: submissão, competição e obediência as regras. A escola eficaz, não seria essa, mas aquela que além de ensinar o conteúdo, prepara o estudante-cidadão para a autonomia e a auto-organização, para a intervenção na sociedade com vistas a torná-la mais justa, no sentido da eliminação da exploração do homem pelo homem. (FREITAS, 2003 p.4)

Segundo Freitas (2003), existem três componentes no processo que chamamos de “avaliação em sala de aula” o primeiro é “instrucional”, o segundo é o de “comportamento” e o terceiro é o de “valores e atitudes”. Nesse contexto boa parte das avaliações absorvem apenas o primeiro componente pelo qual se avalia o domínio de habilidades e conteúdo, o segundo é um excelente instrumento de controle que o professor adquire pelo seu poder de reprovar e o terceiro componente estabelece as repreensões verbais e físicas, críticas e humilhações sobre os valores e atitudes dos alunos.

Amaral (2008) comenta que os alunos que ingressam em uma escola são vistos como se tivessem as mesmas condições de desenvolvimento, porém não trazem com eles as mesmas experiências e muito menos a mesma formação familiar, visão de mundo, educação e trabalho. Ainda assim, esses mesmos alunos são responsabilizados pelo seu sucesso ou fracasso na vida escolar. Para ela o sistema de ensino é excludente e injusto, disfarçado em uma falsa imagem de equidade e oportunidades iguais, com isso coloca na mente do estudante a ideia de que se ele não alcançar o sucesso na escola é porque não soube “aproveitar” as oportunidades que lhe foram oferecidas.

Na lógica da hierarquização e da seleção na escola, os alunos são levados a crer que, por terem aparentemente as mesmas aulas, com os mesmos professores, e serem submetidos a testes e provas comuns, os que têm mérito são aqueles que possuem algum “dom” que os habilita para a aprendizagem. Aqueles que não conseguem

atender às expectativas da escola ou do mercado se conformam com seus estigmas de fracassados por se acharem incompetentes e desprovidos de capacidades para realizar tanto quanto os seus colegas. De acordo com Elias e Scotson (2000), ao se dar a um grupo uma reputação ruim, é provável que ele corresponda a essa expectativa. Assim ocorre com os estudantes que, por pertencerem a classes desfavorecidas, se submetem ao sistema escolar sem grandes expectativas de ascensão. (AMARAL, 2008 p.131)

## II. Avaliação na escola organizada em ciclos

Na visão de Freitas (2003), os ciclos podem ser apoiados pelo simples motivo de ir contra a lógica da seriação e da sua avaliação. Os ciclos não descartam a avaliação formal e muito menos a informal. As maiores oportunidades de sucesso dependem de políticas públicas e da compreensão da educação que estão na base dos ciclos. O entendimento de ciclos que pesamos ser aceitável parte do princípio da exigência de superação da lógica da exclusão e também da lógica da submissão.

No plano da avaliação formal estão as técnicas e procedimentos palpáveis como provas e trabalhos que conduzem a uma nota. A avaliação informal se constitui de juízos de valor invisíveis que influenciam os resultados das avaliações finais e são constituídos nas interações diárias que criam representações de uns sobre os outros. Se os professores não forem capacitados para interagir metodologicamente nesse jogo de representações que regulam a relação professor-aluno, consciente ou inconscientemente os juízos formados determinarão os investimentos que fará neste ou naquele aluno. Quando a avaliação formal entra em cena, a informal já atuou no plano da aprendizagem, de maneira que aquela tende apenas a confirmar os resultados desta. (FREITAS, 2003 p.5)

Amaral, (2008 p.132), comenta que:

A alternativa encontrada por gestores da educação para tentar resolver o problema e romper com a cultura da repetência foram os ciclos<sup>1</sup>, que começaram a ser implantados em diversas redes de ensino municipais e estaduais no Brasil. As configurações dos projetos e suas características específicas variam de acordo com a concepção de educação que sustenta as diversas propostas. Em linhas gerais, o ensino organizado por ciclos pressupõe um rompimento com a estrutura seriada, eliminando ou diminuindo significativamente os números de reprovados e evadidos nas escolas.

Villas Boas (2013) relata em seu artigo sobre avaliação na escola em ciclos que o projeto interventivo é uma ferramenta pedagógica, política e social formada por atividades que buscam atender as necessidades de aprendizagem de cada educando. O projeto tem o sentido emancipatório de assegurar que todos os alunos aprendam e não seja reprovado em nenhum período do processo. Ele é sempre acompanhado pela avaliação dá início ao processo, por meio de uma avaliação diagnóstica das necessidades de aprendizagem de cada aluno, nele é observado o que está dando certo e o que precisa ser melhorado e finaliza o trabalho de intervenção, mostrando os seus resultados e o que precisa ser reorganizado para o atendimento a outras crianças.

Esta é a avaliação formativa em ação, comprometida com o processo e os seus resultados em benefício de todos os estudantes. Nesse sentido, a avaliação formativa, diferentemente da classificatória, gera ação, isto é, não fica indiferente ao processo de aprendizagem de cada estudante: analisa o que ele aprendeu, o que AINDA não aprendeu para que se providenciem os meios para que aprenda. (VILLAS BOAS,2013 p.4)

Segundo a SEDF (2013), o mito da repetência como forma de melhorar desenvolvimento dos alunos é ainda reforçado, pela tendência em dispensar as avaliações pelo fato de não haver reprovação e com isso acaba camuflando a baixa qualidade do ensino. No entanto contrária a essas ideias, a progressão continuada das aprendizagens dos educandos, subentendida na organização da escola em ciclos, propõe um acompanhamento sistemático do seu desenvolvimento através de avaliações realizada constantemente. Este processo de avaliação formativa que possibilita e leva professores e equipe pedagógica de cada escola a reavaliarem o trabalho pedagógico desenvolvido, visando meios que viabilizem a melhoria no atendimento às necessidades de aprendizagem demonstrada pelos alunos.

É importante considerar que a progressão continuada, quando bem compreendida e praticada, pode ser facilitadora do trabalho pedagógico por dois motivos. Em primeiro lugar, a atuação dos professores é valorizada e eles tenderão a sentir prazer com o que fazem. Os seus resultados serão prontamente reconhecidos pela escola e pelos pais/responsáveis. Em segundo lugar, os estudantes se sentirão incentivados a continuar sua trajetória de aprendizagem ao perceberem claramente seus avanços. Além disso, por meio de processo de auto avaliação, eles passarão a traçar seus objetivos de

aprendizagem. E mais: em vez de esperarem o final do ano para serem "promovidos", irão vencendo etapas e progredindo. Isso é o que se espera da escola voltada para as necessidades sociais. Estes dois motivos se entrelaçam: professores e estudantes estarão unidos em busca das aprendizagens e do trabalho pedagógico que faça diferença. (SEDF, 2013 p.7)

Para atender a proposta da escola organizada em ciclos é necessária mudança nas formas de avaliação, considerando que a avaliação neste novo contexto não tem o papel de reprovar ou aprovar, e sim de promover a evolução contínua das aprendizagens. A avaliação formativa aplicada em todo o Ciclo está contida no projeto político-pedagógico da escola e tem como referência o Currículo da Educação Básica da SEDF, as escolas deverão elaborar suas propostas curriculares, observando alguns aspectos como organizar de maneira integrada e flexível os conteúdos, promover um planejamento coletivo que contemple metodologias diferenciadas, diversificar as formas de avaliação respeitando os ritmos de aprendizagem de cada aluno e promover processos contínuos de compartilhamento de experiências e saberes refletindo a evolução do desenvolvimento dos estudantes e da turma. (SEDF, 2013).

O esforço governamental para acabar com o analfabetismo culminou em campanhas que praticamente conseguiram universalizar o acesso das crianças à escola. Os ciclos e a progressão continuada, com sua política de não-reprovação, começam a garantir a permanência dos alunos dentro das instituições de ensino. Mas, ainda, temos um desafio a vencer, que é oferecer aos indivíduos, além da garantia de acesso e permanência na escola, um ensino de qualidade (que os habilite a ingressar na sociedade e no mercado de trabalho com possibilidades concretas de crescimento econômico, cultural, social e político) e também a garantia de chances justas de continuidade dos estudos nos níveis mais elevados da educação. (AMARAL, 2008 p.132)

O Conselho de Classe, como uma das mais importantes etapas avaliativas da escola deverá acontecer ao final de cada bimestre ou quando a escola achar conveniente, e tem o objetivo de avaliar eticamente aspectos pertinentes à aprendizagem dos estudantes, como as necessidades individuais, as intervenções que foram realizadas, os avanços atingidos no processo ensino-aprendizagem, e também as estratégias pedagógicas adotadas, entre elas, o projeto interventivo e os reagrupamentos. (SEDF, 2013). Esse processo de avaliação realizado no conselho

de classe é importante e necessário para manter a escola no caminho certo, corrigindo as falhas e reorganizando as estratégias, afim de garantir o sucesso tão almejado para a educação de modo geral.

Certamente, dentre todas as práticas e rotinas escolares, aquela que mais diretamente é “abalada” com a implantação dos ciclos é a avaliação, sendo sua ressignificação na prática escolar necessária para tornar realidade a reorganização do processo educativo. o desafio é colocar a avaliação a serviço da democratização da escola, sendo assumida como processo capaz de contribuir para o avanço do conhecimento sobre o contexto em análise, informando sobre a realidade, revelando intencionalidades, evidenciando tendências da prática, produzindo subsídios para a construção de respostas e propostas de intervenção, que potencializem a concretização da escola para todos.(SOUSA, 2007 p.35)

Apesar de apoiar os ciclos e acreditar na democratização do ensino através do mesmo Amaral (2008), nos chama à atenção para a qualidade do ensino oferecido pelas escolas em ciclos, pois o ensino ciclado merece um olhar atento, pois com a abolição da reprovação e a avaliação vista com a função de não mais classificar para excluir, estamos correndo o risco de ver os alunos sendo “aprovados” de um ciclo para o outro sem terem obtido adequadamente o conhecimento. Com isso fica, a impressão de que a avaliação deixou de existir pelo fato de não haver a reprovação. Diante dessa preocupação Amaral (2008 p.133), escreve que:

Os alunos vão sendo mantidos dentro da escola porque esta não mais pode deixá-los de fora, mas são fortes candidatos a serem excluídos ao final do ensino fundamental ou médio, apesar de terem um diploma na mão. Foram mantidos na escola mesmo sem aprender, mas serão excluídos pela sociedade por não terem as “habilidades” deles esperadas.

Percebe-se uma preocupação relevante, é preciso nos atentar afim de não continuar desenvolvendo uma escola que permaneça excluindo, e uma avaliação classificatória que seleciona e ranqueia alunos construindo uma hierarquia, ainda que de maneira despercebida e discreta.

A avaliação no Ciclo, baseada na lógica formativa da avaliação, considera o estabelecimento de metas ao final de cada período,



tendo como referência o Currículo de Educação Básica, os saberes e experiências dos estudantes e das turmas. Ao avaliar é preciso clareza sobre os pontos de partida e de chegada. Para isso, as escolas serão orientadas pelas equipes pedagógicas da SEDF e Coordenações Regionais de Ensino – CRE e Gerências Regionais da Educação Básica – GREB por meio de fóruns, estudos, promoção de discussões coletivas com o intuito de subsidiá-las teórica e metodologicamente. (SEDF, 2013 p.11)

### III. Avaliação na seriação x avaliação nos ciclos: Breve Comparação

Fica claro a luz da teoria que à avaliação na perspectiva da escola seriada não apresenta para o desenvolvimento humano em geral pontos positivos, não valoriza a aprendizagem adquirida pelo aluno durante o processo de ensino/aprendizagem quando o mesmo não domina a porcentagem mínima de conteúdos imposta pelo sistema para um determinado período de estudos. Diante da realidade da nossa sociedade a escola não pode querer produzir máquinas que obedecem os comandos a elas impostos sem apresentarem falhas ou fraquezas, afinal escolas trabalham na formação de seres humanos, portanto devem tratá-los como tal.

Neste sentido Sandra (2007, p. 32) afirma que:

O que se mostra por meio das práticas avaliativas é que a escola, em vez de tornar os conteúdos de ensino mais significativos e, conseqüentemente, interessantes para os alunos, se organiza a partir de expectativas que não levam em conta as suas características como grupo social, servindo à exclusão, da escola, daqueles oriundos da classe trabalhadora, pois são eles que mais se distanciam das normas e regras estabelecidas. Assim, sob uma aparente seleção técnica realiza-se uma seleção social, com conseqüências na autoimagem e autoestima dos alunos. A avaliação como instrumento usado para a discriminação torna-se improdutivo pedagógicamente e injusta socialmente.

Avaliação nos ciclos traz uma lógica contrária à avaliação na escola seriada, nesse sentido temos uma valorização do indivíduo como ser humano, à avaliação dos ciclos contempla o desenvolvimento global do aluno respeitando o seu tempo de aprendizagem. Considerar o conhecimento adquirido pelo aluno ainda que mínimo é reconhecer e mostrar para o mesmo que ele foi capaz de aprender. Com isso à avaliação torna-se positiva para o aluno, o motivando a estudar ainda mais e não a desistir da escola.

A motivação para estudar deve estar no desejo de saber, na curiosidade de descobrir, de se aventurar por caminhos desconhecidos e de aprender coisas novas, e é nisso que a escola para todos precisa se pautar para ajudar os alunos a construir os motivos para estudar. (JACOMINI, 2009, p. 155).

## **CAPÍTULO III – REORGANIZAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR PARA COMTEMPLAR O SISTEMA DE CICLOS**

### **I. Contexto da proposta curricular nos ciclos**

Começo este capítulo parafraseando Mainardes, (2011) ao comentar que a implantação dos sistemas de ciclos propõe um processo de reconstrução curricular, mudanças na forma de avaliar a aprendizagem dos estudantes, nas metodologias e estratégias de ensino, na maneira de gerir a escola, na formação continuada de professores, na infraestrutura das escolas e nas condições de trabalho dos professores e outros profissionais da educação. Desse modo a implantação dos sistemas de ciclos está diretamente ligado às discussões acerca do currículo e as questões curriculares.

Na fase inicial da implantação do Ciclo Básico em diferentes redes de ensino brasileiras, nos anos 1980, a preocupação dos gestores educacionais esteve mais concentrada na formulação da proposta e implementação dos ciclos, na eliminação da reprovação e na definição do sistema de avaliação. O processo de reestruturação curricular, na maioria dos casos, foi ocorrendo ao longo do processo de implementação dessas experiências. Na medida em que as propostas de organização da escolaridade em ciclos foram sendo expandidas para os demais anos do Ensino Fundamental e que propostas mais consistentes e sofisticadas foram formuladas, a reestruturação curricular passou a tomar um lugar mais destacado no processo de formulação de políticas de ciclos. (MAINARDES, 2011 p.4)

Segundo Mainardes (2011), a reestruturação curricular nas escolas de ciclos apresenta variações dependendo do lugar, pois em algumas instituições de ensino optou-se por uma reestruturação mais radical no currículo, no entanto em outras escolas tiveram mudanças superficiais. As escolas que optaram por uma proposta mais radical procuram romper de vez com as ideias tradicionais e convencionais de currículo, já as outras preferem fazer as mudanças passo a passo. Apesar de serem citadas em textos oficiais propostas para integração curricular são raramente comentadas nas formações continuadas dos profissionais da educação. O currículo apresenta diferenças na prioridade entre as redes de ensino, algumas destas tem a proposta curricular como uma questão central e prioritária na formação de gestores. Porém em outras a reestruturação curricular fica para o segundo plano,

com isso existem apenas uma proposta curricular comum ou orientações para as escolas, e não há ações mais sistemáticas que busque um aperfeiçoamento da mesma. Há situações em que a definição de conteúdo ou objetivos para cada ciclo ou ano dos ciclos é considerado como um processo de reestruturação.

Há um apontamento das pesquisas dizendo que são raras experiências totalmente participativas na hora de tratar da reorientação curricular, os documentos que compõe as propostas curriculares muitas vezes abordam uma linguagem mais sofisticada e são elaborados pelas secretarias de educação com a ajuda assessores curriculistas e por especialista de várias áreas do conhecimento. Após de prontas são enviadas as escolas para que professores e diretores tomem conhecimento das mesmas. Mainardes (2011 p.9), aponta que:

A pesquisa sobre as políticas curriculares nos ciclos pressupõe a análise crítica dos textos produzidos tanto no âmbito do sistema educacional como das unidades escolares, bem como a análise das decisões e encaminhamentos feitos em ambas as dimensões.

Para o autor como ocorre com as ideias de ciclos e de avaliação em uma visão geral, a retórica das políticas curriculares também é progressista, existem vários casos em que a organização em disciplinas é deixada de lado e se opta por projetos de ensino ou outras formas de integração curricular. Ainda complementa dizendo que para mudar a organização curricular é necessário também mudanças nas relações sociais e culturais e nas relações de poder, tais mudanças não podem restringir apenas a alguns grupos favoráveis à inter-relação de determinados saberes.

Mainardes (2011) menciona que várias redes de ensino têm preferido usar a definição expectativas de aprendizagem, capacidades de aprendizagem, matrizes de habilidades ou listas de objetivos a serem alcançados no período de um ano ou de um ciclo, a busca por essas mudanças em parte tem sido motivada pelo fato das redes de ensino estarem almejando aumentar o índice do IDEB e melhorar o rendimento dos estudantes nas avaliações nacionais. Algumas pesquisas acerca de questões curriculares nos ciclos priorizam a análise no campo das produções de textos das políticas curriculares, há as que buscam estudar os textos e contexto da

prática. O fato de ser compreendida de formas diferentes e adaptadas a um campo específico ou mesmo modificados, as políticas e as propostas curriculares, apresentam uma série de desafios para se pesquisar acerca do contexto da prática. Há uma diferença entre as propostas curriculares oficiais e as que e as práticas curriculares realizada nas escolas, segundo pesquisas até em uma mesma rede de ensino é possível encontrar diferentes níveis de conhecimento.

Mainardes, (2011 p.11) usa a seguinte citação para exemplificar essa realidade,

Matheus (2009), por exemplo, em sua pesquisa sobre a política curricular da rede municipal de Niterói – RJ (2005-2008) constatou que havia interpretações diversas para a proposta: um grupo que defendia e outro que se opunha à proposta. No grupo que se opunha à proposta situava-se a maioria dos professores entrevistados que acreditava na inviabilidade de sua adequação à realidade do contexto da prática.

Ainda trabalhando com os estudos de Mainardes, (2011) percebe-se que partindo do princípio que a escola deve garantir a posse do conhecimento sistematizado por todos os estudantes, mesmo que em ritmos e tempos diferentes, nos apropriar da significativa ideia de se debater e chegar ao consenso a respeito do que deve ser igual para todos, garantindo às escolas a flexibilidade e autonomia para elaborar o seu próprio currículo. Essa autonomia nos parece essencial para promovermos uma escola democrática que não seleciona e não exclui.

Pereira, (2012), expressa que ao se pensar no processo de desenvolvimento dos alunos visando suas vivências em uma perspectiva de emancipar o ensino, deve haver uma reorganização do currículo buscando ordenar o tempo e espaço de acordo com a nova proposta de ensino. Ao se pensar na escola em ciclos é imprescindível analisar e discutir uma reconstrução do currículo, pois este é o eixo de sustentação para garantir que o sistema de ciclos tenha êxito.

Para tanto, é necessário também considerar a complexidade envolvida no currículo, o que nos remete a pensar nos objetivos de cada ciclo, nos conteúdos que possibilitarão que tais objetivos sejam alcançados, nas responsabilidades do que está sendo trabalhado,

para quem é direcionado o ensino, em que espaço/tempo esse currículo se desenvolverá, quais serão os recursos necessários, tanto financeiros, materiais e humanos, bem como quais serão as tomadas de decisões fundamentais para o desenvolvimento desse currículo na prática. (PEREIRA, 2012 p.156)

## II. Proposta Curricular no contexto do MEC

A criança tem, no início do Ciclo da Alfabetização, o direito de “aprender a ler e a escrever”, em situações com a mediação do professor e em situações mais autônomas, para que possa, no final do Ciclo, chegar ao “ler para aprender” e “escrever para seguir a escolarização”, o que significa uma evolução necessária, como estudante e cidadã. (MEC, 2012 p.6)

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Nove Anos, que foram aprovadas em 2010 propõem em seu artigo 49 que o Ministério da Educação juntamente com os Estados, Municípios e o Distrito Federal, deverá enviar ao Conselho Nacional de Educação propostas relacionado as expectativas de aprendizagem dos conteúdos escolares que precisam ser alcançados pelos educandos nas várias etapas do Ensino Fundamental. O Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Básica, a Diretoria de Currículos e Educação Integral e a Coordenação Geral do Ensino Fundamental, utilizou o documento que foi objeto de estudo para este trabalho para auxiliar os sistemas e redes de ensino de todo o país na elaboração de seus currículos no que desrespeita aos Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para o Ensino Fundamental.

Diante da complexidade imposta pela natureza dessa tarefa, é coerente pontuar que a elaboração desse documento respalda-se, tanto no Artigo 210 da Constituição Federal de 1988, que determina como dever do Estado, para com a educação, fixar “conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”, como na vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no9.394, de 20 de dezembro de 1996, que, em seu Art. 9º, Inciso IV, incumbe à União estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que norteiam os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.(MEC, 2012 p.11)

Diante de várias mudanças como a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos e a institucionalização do Ciclo de Alfabetização, obrigou o MEC a criar espaços para socializar e discutir estudos, experiências e práticas curriculares que ajudam a fortalecer a identidade nacional, qualidade dos processos educativos e formativos respeitando os aspectos socioculturais, étnicos, políticos e econômicos de cada região e por fim ter uma educação de qualidade. Com o objetivo de suprir às demandas que constitui um novo ambiente educacional, em 2008 o Ministério de Educação elaborou o Programa “Currículo em Movimento”, afim de promover melhoras na qualidade da educação básica através desenvolvimento do currículo da Educação Infantil, Ensino Fundamental e também do Ensino Médio.

Dessa forma, pretende-se considerar a demanda advinda dos sistemas e redes de ensino, sem ferir a liberdade de organização conferida a estes, na direção deste Ministério apresentar elementos dos Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para o Ensino Fundamental que os subsidiem e lhes possibilitem a definição de currículos para o Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), 4º e 5º anos e anos finais (7º, 8º e 9º anos) do Ensino Fundamental, que expressem os conteúdos básicos, relevantes, necessários e de significação social, em conformidade com a base nacional comum do currículo, bem como com a parte diversificada, como impõe a LDB, no Artigo 26: “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”. (MEC, 2012 p.15)

No documento elaborado pelo MEC, no qual esse trabalho faz referência coloca em seu foco inicial o debate curricular, que abarca os Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para o Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos), nas disciplinas: Língua Portuguesa, Educação Física, Arte, Matemática, História, Geografia e Ciências da Natureza. Os índices de analfabetismo e de baixo rendimento dos alunos brasileiros nas habilidades de leitura e escrita foi um dos motivos que levou o Ministério da Educação a priorizar no momento o Ciclo de Alfabetização.

### III. Currículo em Movimento no Distrito Federal

Procurando-se construir um currículo que pudesse sanar as fragilidades da educação no Distrito federal, e romper com as barreiras sociais, políticas, econômicas e culturais que tem gerado exclusão e impossibilitando que nossos alunos tenha uma aprendizagem significativa, foi criado o “Currículo em Movimento”. A partir da análise das potencialidades e fragilidades do Currículo Experimental em 2011 deu-se início a construção do Currículo em Movimento, com a colaboração de vários professores da SEDF – Secretária de Educação do Distrito Federal.

Na perspectiva de Currículo em movimento, precisamos estar dispostos a questionar nossos saberes e nossas práticas pedagógicas; a discutir a função social da escola e o aligeiramento dos saberes; a romper com a concepção conservadora de ciência e currículo e de fragmentação do conhecimento; a reinventar-nos, compreendendo que a educação é construção coletiva. (SEDF, 2012 p.8)

Foi com base nesta compreensão que a SEDF apresentou o Currículo em Movimento, propondo implanta-lo no início de 2013 em toda rede do DF. A intenção é concretizar o currículo a partir do projeto político-pedagógico das escolas, que a construção deste seja realizada com a participação de todos os sujeitos que compõe a unidade escolar. O currículo em movimento é tido como uma base comum para todas escolas da rede, que serve para nortear a construção do PPP de acordo com a realidade de cada escola e assim possibilitando uma educação integral, pública, democrática e de qualidade social para nossos educandos.

Em relação a coletividade a SEDF, (2012 p.11) coloca que:

É nesse processo de elaboração coletiva da proposta curricular que se explicita o projeto político-pedagógico da escola, definindo as concepções, as prioridades, as ações, a metodologia e a forma de operacionalização do fazer escolar, em consonância com os princípios do Projeto Político-Pedagógico do sistema público de ensino do DF. Essa ação intencional e planejada dentro de cada unidade escolar culminará na elaboração de propostas curriculares que transcendam a mera definição de datas comemorativas, o “currículo turístico” que se organiza em eventos e festividades como dia das mães, dos pais, do índio, da páscoa, do folclore, etc .



Para que currículo não se torne um documento com apenas decisões superiores, pensa-se em uma gestão democrática na qual há um envolvimento de todos que compõem a escola, bem como gestores, professores, estudantes, pais ou responsáveis, organizações sociais e até mesmo as universidades. Com esse grupo diversificado e com espaços e tempos de discussão teremos um currículo implantado com êxito.

O currículo em movimento apresenta uma proposta para educação integral, pois a SEDF tem o entendimento da educação integral como fundamento para a organização das atividades na escola, não só na sala de aula, mas também como espaço além das quatro paredes. A proposta contida na educação integral complementa bem com a proposta que é apresentada pelo sistema de ciclos, onde podemos detectar claramente que os objetivos pretendidos é formar cidadão competentes para lidar com as situações nas quais são submetidos diariamente e o que é melhor uma formação que respeite as suas particularidades, seja ela intelectual, étnica, financeira, social entres outras.

A Educação Integral na rede pública de ensino do Distrito Federal, com base em uma proposta educacional formativa e integrada às exigências do mundo moderno com a intenção de formar indivíduos capazes de responder aos novos desafios que se produzem no mundo contemporâneo, pretende a integralidade na formação do educando, pautando-se no caráter multidimensional do ser humano, composto por aspectos psicomotores, cognitivos, afetivos, intuitivos e socioculturais integrados às experiências da vida. Pretende, ainda, a equalização social ao cumprir a função de preparar os indivíduos para uma participação responsável na vida social. A escola deve organizar-se para formar indivíduos capazes de lidar com as novas tecnologias e linguagens, capazes de responder a novos desafios do mundo contemporâneo, articulando diferentes saberes e experiências. (SEDF, 2012 p.14)

Para SEDF (2012) há um histórico de exclusão nos currículos em relação a narrativas das crianças, dos negros, das mulheres, dos índios, entre outros. Diante da compreensão que a educação abrange questões mais amplas e que a escola é um lugar onde encontramos pessoas, origens, crenças, valores diferentes que

geram conflitos e oportunidades de criação de identidades, a SEDF retoma essas narrativas no Currículo da Educação Básica.

O Currículo, como construção social, possibilita o acesso do estudante aos diferentes referenciais de leitura do mundo, com vivências diversificadas e a construção/reconstrução de saberes específicos de cada ciclo/etapa/modalidade da educação básica. Nele, os conteúdos são organizados em torno de uma determinada ideia ou eixos integradores, que indicam referenciais para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido por professores e estudantes. Esses eixos são definidos conforme os interesses e especificidades dos ciclos/etapas/modalidades da Educação Básica, articulados aos eixos estruturantes cidadania, diversidade, sustentabilidade humana e aprendizagens. (SEDF, 2012 p.23)

Para SEDF (2012), o currículo em movimento elaborado pela mesma faz uma reorganização visando romper com a ideia linear e hierarquizada dos currículos anteriores, também chamados de currículos de coleção e que se caracteriza pela fragmentação e descontextualização dos conteúdos culturais e das atividades didático-pedagógicas. Para reorganizar o currículo foi preciso sistematizar e implementar uma proposta de Currículo integrado em que os conteúdos tenham uma articulação aberta entre si. As escolas podem selecionar temas para trabalhar os conteúdos, esses conteúdos podem ser modificados sempre em torno dos eixos estruturantes tais como; cidadania, diversidade, sustentabilidade humana e aprendizagens; e dos eixos integradores indicados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para cada ciclo de aprendizagem.

Uma proposta de currículo integrado justifica-se a partir do momento que alcança os objetivos educacionais em uma sociedade com democracia, visando auxiliar na de crianças, jovens e adultos responsáveis, independentes, solidários e participativos. O Currículo em Movimento Educação Básica Distrito Federal, (2012 p. 48) faz a seguinte citação:

Para Santomé (1998), as propostas curriculares integradas devem favorecer a descoberta de condicionantes sociais, culturais, econômicos e políticos dos conhecimentos existentes na sociedade, possíveis a partir da conversão das salas de aula em espaços de construção e aperfeiçoamento de conteúdos culturais, habilidades, procedimentos e valores, num processo de reflexão. Os educadores que concebem o currículo nessa perspectiva o fazem com base em

objetivos educacionais que se pautam na busca da integração das diferentes áreas do conhecimento e experiências, com vistas à compreensão crítica e reflexiva da realidade. Santomé ressalta ainda que essa integração não deve acontecer focando apenas os conteúdos culturais, “[...] mas também, o domínio dos processos necessários para conseguir alcançar conhecimentos concretos e, ao mesmo tempo, a compreensão de como se elabora, produz e transforma o conhecimento, bem como as dimensões éticas inerentes a essa tarefa”.

Diante dos estudos percebe-se que a Secretária de Educação apresenta um currículo reestruturado que apresenta propostas de reorganização do espaço e do tempo de modo a contemplar a organização da escola em ciclos, espera-se que a partir desse currículo possamos construir um movimento educativo direcionado à formação integral do ser humano, onde deverá ser visto não só como detentor do conhecimento para o trabalho, mas como pessoa conhecedora de sua cidadania e de sua responsabilidade com sua vida e a do próximo.

O Movimento deste Currículo é político, pedagógico, flexível, transformador, crítico, reflexivo, diverso, libertador das correntes, sejam ideológicas, científicas, filosóficas... O movimento é vida, é verdade preme de realidade, é senso comum e ciência, é a relação teoria e prática, é elemento de poder, poder como possibilidade da constituição das práxis transformadoras da realidade social. (SEDF, 2012 p.78)

## **CAPÍTULO IV - Metodologia**

### **4.1 Tipo de pesquisa**

Diante dos desafios e possibilidades a organização das escolas em ciclos vem sendo cada vez mais discutido, e diante de tal discussão essa pesquisa propõe trabalhar com a pesquisa qualitativa que segundo Godoy (1995), apresenta três maneiras para realizar a pesquisa, sendo elas, pesquisa documental, estudo de caso e etnografia. Para Raissa (2011), a pesquisa qualitativa demonstra um caráter exploratório, no qual propõe os entrevistados a liberdade de pensar sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e alcançam motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É uma pesquisa que utilizada quando há necessidade de se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

Utilizou-se também a pesquisa de campo que na visão de Fuzzi (2010) é uma pesquisa que procede com a observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, com a coleta de dados referentes aos fatos e fenômenos e por fim, à análise e interpretação dos dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Piana (2009) acrescenta que a pesquisa de campo não busca resolver de imediato o problema, mas caracterizá-lo a partir de uma visão geral, aproximativa do objeto pesquisado.

### **4.2 Sujeito da pesquisa**

Essa pesquisa foi realizada com a direção, professores, funcionários de todos os segmentos da escola e com os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, observa-se que a faixa etária dos estudantes é aproximadamente de 10 à 15 anos, a maioria dos professores pertencem ao quadro da SEDF há mais de 10 anos, e boa parte destes apresentam curso de especialização em alguma área do conhecimento.

### **4.3 Instrumento\procedimento para coleta de dados**

Os instrumentos a ser utilizados na coleta dados serão questionários específicos para cada segmento. Os questionários serão criados com os três tipos de questões, sendo elas abertas, fechadas e de múltipla escolha, também será necessário elaborar os questionários de acordo com os segmentos, para que possa atender a realidade de cada grupo. Depois de formulado os questionários, o mesmo deverá se distribuído para a maior quantidade possível de pessoas de um mesmo segmento afim de que se tenha uma maior quantidade de dados. Piana, (2009).

### **4.4 Análise dos dados**

A pesquisa qualitativa realizada no CEF Guará sobre a organização das escolas em ciclos, teve o objetivo de verificar junto aos professores da citada instituição de ensino e a comunidade escolar quais as suas opiniões a respeito dos ciclos de aprendizagem. Neste sentido os dados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdos que segundo Freitas (2000), esse tipo de análise contribui para a interpretação das questões abertas ou textos, a partir da descrição objetiva, sistemática e quantitativa do seu conteúdo.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa demonstrou que a maior parte do corpo docente é constituída de mulheres, com vínculo efetivo na secretaria de educação, tendo uma média de 13 anos de trabalho, apresentando formação em nível de especialização. Basicamente todos os professores conhecem o projeto de implantação dos ciclos no Distrito Federal, com a exceção de poucos que disseram não ter conhecimento sobre esta proposta de ensino.

Em relação a organização em ciclos no Distrito Federal tivemos as opiniões divididas, um pequeno grupo acredita que é uma proposta que melhora a educação no DF, outro grupo bastante considerável pensa ser uma proposta que piora a educação no DF, demonstrando-se contra essa metodologia de ensino proposta pela secretaria de educação. A maior porcentagem dos professores concorda que melhora a educação mas precisa de infraestrutura nas escolas e mais recursos humanos, em sua maioria todos que acredita em uma melhora na educação citou ser necessário que haja uma formação voltada para a organização em ciclos. O que mais pesa para os que discordam dos ciclos é o fato de não haver a reprovação.

O que se percebe no contexto da pesquisa é que para a maioria dos professores a educação está precisando de uma mudança, porém em relação aos ciclos eles apresentam um pouco de receio, mas acreditam que a preparação do docente e a infraestrutura das escolas são peças chaves para essas mudanças tão almejada por todos. SANTOS (2005) comenta que para a efetivação da qualidade do ensino com as escolas organizadas em ciclos é preciso um foco na formação docente, demonstrando um comprometimento social e cultural da escola ainda maior, compromisso esse que busca a formação integral do ser humano.

A indissociável relação entre uma determinada educação escolar, a capacitação específica dos profissionais responsáveis para esse tipo de educação escolar, as formas de organização desse ensino e os compromissos da escola e destes profissionais no mundo globalizado, são relações que necessitam ser examinadas quando se

pretende analisar a qualidade do ensino na escola organizada em ciclos de aprendizagem. (SANTOS, 2005 p. 94).

A implementação desse sistema é complexa e, infelizmente, tem levado a resultados muito aquém do que seria o esperado e o necessário para a educação das camadas populares. É sempre importante destacar que os ciclos possuem aspectos positivos, mas os resultados que são obtidos estão muito relacionados ao conjunto de ações e medidas empregadas na sua implementação. Os resultados estão relacionados à prática das escolas, ao trabalho dos professores, ao nível de compreensão que eles têm da proposta e, essencialmente, com a infraestrutura que é disponibilizada para as escolas e professores. (ANTUNES, caderno de educação da folha dirigida, 2010).

Analisando a questão de quais seriam os pontos positivos nas escolas em ciclos, houve uma diversidade de opiniões. Para alguns professores a escola em ciclos pode ajudar no relacionamento professor e aluno promovendo uma aproximação maior o que conseqüentemente favorece um aprendizado melhor. Outro grupo acredita que os agrupamentos nos quais a escola em ciclos tem sua base possibilita focar nas reais necessidades de cada aluno, permitindo que o mesmo tenha a oportunidade de recuperar conteúdo sem sofrer com retenção.

Também foi possível observar que muitos têm como ponto positivo a possibilidade de manter uma hegemonia na faixa etária dos alunos, pois além de facilitar a preparação de conteúdos e atividades que atinjam o interesse e maturidade de cada grupo de alunos também contribui para que a estima dos alunos não seja afetada por estar estudando com alunos que bem abaixo de suas faixas etárias.

O fato da não reprovação foi visto como ponto positivo por alguns no sentido de contrapor a seriação acerca das disciplinas nas quais os alunos tem um rendimento satisfatório e por reprovar são obrigados a refazer todos os conteúdos novamente, o que acaba desmotivando os alunos em seus estudos. E devido a esta desmotivação acabam apresentando atitudes de indisciplina e falta de interesse.

A organização escolar em ciclos visa essencialmente, a adequar o tempo escolar ao desenvolvimento global do aluno, considerando suas características individuais e culturais, e satisfazendo a individualidade de cada um Ou seja, o fato de o indivíduo entrar tardiamente na escola ou de frequentar uma série em defasagem com sua idade não impede que o processo de desenvolvimento tenha seguido seu curso. (SANTOS, 2005 p. 152).

Miranda (2008), destaca três pontos positivos que fazem a distinção da escola em ciclos da escola organizada em séries anuais: O primeiro é assegurar a não retenção dos alunos prevenindo a evasão escolar, dando a esses alunos um tempo maior para seu aprendizado. Em segundo lugar, é garantia ao direito à escola, pois o acesso e a permanência estariam garantidos a todos os alunos, não importando suas diferenças. Desse modo, a escola seria mais democrática e justa, aberta ao reconhecimento das diferenças. Além dos alunos terem mais tempo para desenvolver suas potencialidades individuais, também podem vivenciar um ambiente menos restritivo e discriminativo em relação às suas diferenças. Em terceiro lugar, a escola de ciclos teria melhores condições de enfrentar a baixa autoestima dos alunos decorrente de sucessivos fracassos vividos e assimilados individualmente. Ao respeitar os diferentes tempos de aprendizagem dos alunos acabando com as tão temidas reprovações no final de cada ano, a escola em ciclos possibilita aos estudantes um ambiente mais fértil à aprendizagem melhorando a estima de cada educando.

Esses três pontos - a atenção à diferença, o direito a uma escolarização mais equitativa e a perspectiva de fortalecer a autoestima dos alunos - são referendados pelas propostas de implantação da organização escolar em ciclos, ainda que não necessariamente sejam assim sintetizadas. Afinal, a força desses princípios decorre menos de uma propositura clara e intencional da parte de seus defensores e da literatura voltada para esse tema e mais de uma noção que estaria implícita nessa proposta de ciclos, que decorreria do imperativo de se diferenciar significativamente da escola organizada em séries: ela põe em causa a questão da diversidade dos alunos. Em consequência, a noção de uma educação democrática assimilada por ela precisará incorporar esse parâmetro. (MIRANDA, 2008 p.11).

Em relação à questão de quais seriam os pontos negativos nas escolas de ciclos, a pesquisa apontou a falta de infraestrutura das escolas que não dispõe de um espaço físico adequado para uma boa aplicação dos ciclos e a falta de recursos humanos que já é uma problemática enfrentada pela rede de ensino do Distrito Federal. Os professores argumentam que para que haja uma implantação eficaz dos ciclos é imprescindível que ter mais espaços físicos e não apenas



ressignificar os que já temos e para atender a demanda seria necessário muito mais profissionais do que temos hoje.

Outra colocação negativa sobre os ciclos de aprendizagem apresentado nesta pesquisa foi acerca da faixa etária dos alunos. Alguns professores temem a quantidade de alunos com idades diferentes em uma mesma turma, eles acreditam que haveria uma certa dificuldade em trabalhar os conteúdos com qualidade e de forma significativa para os alunos, já que eles apresentam ritmos diferentes na aprendizagem e se interessam por assuntos diferentes. A questão da não reprovação é um fator que muito preocupa o corpo docente, pois eles colocam que há uma desvalorização por parte dos alunos em relação aos estudos e também receiam em aprovar os alunos com muita defasagem no conteúdo acreditando que esses alunos não acompanhariam o processo do próximo nível.

Gomes (2003), em sua pesquisa sobre quinze anos de ciclos no ensino fundamental expressa que precisa considerar que na progressão automática nem tudo são flores, e coloca que se por um lado reprovação traz mais malefícios que benefícios, por outro pode também trazer resultados positivos quando os alunos retidos recebem atenção especial. Ele comenta que não seria bom eliminar totalmente a retenção no início da escolarização, pois há uma grande importância da alfabetização, em especial a leitura, para todas as séries posteriores, com isso o apoio educativo adicional, quando houver retenção, faz maior diferença do que o aumento do tempo de ensino. Nessa visão quanto mais cedo forem resolvidos os problemas de leitura, melhor.

Gomes (2003), ainda traz um alerta sobre o excesso na recuperação da aprendizagem, pois uma pesquisa sobre um programa de recuperação de deficiências de aprendizagem ao fim do ensino primário, buscava reduzir as desigualdades de aprendizagem, inclusive recuperando habilidades de alfabetização, e consistia em trabalhar muitas horas por semana com pequenos grupos de alunos que demonstravam grandes dificuldades e se encontravam em situação precoce de rejeição da escola. Os resultados apresentaram-se desapontadores, pelo fato da intervenção ter sido realizada já tarde demais.

Portanto, é alto o custo de não dominar a alfabetização na época própria, indicando que as desigualdades de aproveitamento devem ser atacadas desde cedo, em vez de adiar o seu enfrentamento. (GOMES, 2003 p.13).

Em suma, a promoção automática é atraente pelos seus apelos e possibilidades, entretanto, seus efeitos podem ser regressivos se não for utilizada com cuidado e, em especial, no âmbito de um conjunto de medidas para combater o fracasso escolar e reduzir as desigualdades. Para isso a questão fundamental não é reprovar ou deixar de reprovar, porém melhorar as condições de aprendizagem de todos, notadamente dos menos favorecidos. (GOMES, 2003 p. 15)

Em relação a experiência de trabalhar com os ciclos em 2013, os professores não apresentaram boa satisfação, para a minoria foi regular e a maioria acharam ruim devido as fragilidades apontadas pelo grupo. Tivemos também outro pequeno grupo não havia participado do processo no ano anterior, portanto não tiveram nenhuma experiência. O fato é que a escola trabalhou com o ciclo de forma experimental nesse sentido não houve uma aplicação efetiva de uma organização em ciclos.

Para a vice-diretora Giovana Alves (nome fictício) os ciclos trazem uma proposta não satisfatória a educação, pois ela acredita que implantar os ciclos nas condições atual das escolas públicas do DF pode piorar a educação. Diante das questões acerca dos pontos positivos e pontos negativos, ela percebe que a avaliação formativa e redução de alunos por sala pode ser pontos positivos, mas ainda pensa que não é suficiente para o sucesso dos ciclos, tendo em vista alguns pontos negativos que são; a falta de infraestrutura, de recursos humanos e uma preparação de qualidade para os profissionais voltada para os ciclos, assim como foi elencado pelo grupo de professores da escola.

Começando pela gestão educacional, encontra-se a frequente posição reformista de cima para baixo. Além disso, divisões internas e descontinuidades das burocracias educacionais mostraram-se prejudiciais à implantação de inovações tão delicadas. Na ponta dos sistemas, isto é, na escola, com frequência foi constatada a falta de um projeto que congregasse os diferentes membros da comunidade educativa em torno dos ciclos, de modo que eles se tornassem caminho efetivo na luta contra o fracasso escolar. Muitas vezes

esses atores se apresentavam divididos, desinformados ou não sensibilizados adequadamente. Nas múltiplas situações em que os ciclos apresentavam dificuldades de implantação, o magistério, sem adequada capacitação e envolvimento, não logrou superar os padrões que balizavam sua formação, experiência e rotinas simplificadas (sobretudo na avaliação), rejeitando um caminho mais difícil, porém de resultados tidos como mais promissores. (GOMES, 2003 p. 42)

Quanto a pergunta sobre os desafios e possibilidades de organizar uma escola em ciclos foi colocado pela vice-diretora que os desafios seriam conseguir ter a infraestrutura necessária e os recursos humanos que atenda toda a demanda de uma escola em ciclos e olhando para as possibilidades, a mesma expressou que não percebe nenhuma possibilidade para que haja uma efetiva implantação dos ciclos nas escolas que hoje temos. Ela relata que não teve experiência com os ciclos pelo fato da escola ter trabalhado apenas no processo de formação dos professores e desenvolvendo com os alunos informalmente a proposta de ciclos.

As experiências brasileiras de desserialização de modo geral corroboram a literatura internacional: a reprovação não parece melhorar o aproveitamento, antes o conduz a uma queda cada vez maior, à medida que amplia a distorção idade-série. As diversas formas de desserialização, como os ciclos e a progressão continuada, fugindo ao modelo ortodoxo de promoção ou retenção ao fim de cada série anual, não leva o rendimento à queda livre. O aproveitamento se mantém em níveis estatisticamente significativos, o que constitui um desafio: a desserialização também não parece estar resolvendo a necessidade de aumentar o rendimento. Ao sair dos grandes levantamentos para a pesquisa naturalística e abrir as caixas pretas da escola e da sala de aula, deparamo-nos com reinterpretações, distorções e resistências que resultam do rompimento do contrato social a que Crahay (1996) se refere. (GOMES, 2003 p.15).

Para a chefe de secretaria Ivone Dias, o principal ponto em relação a organização em ciclos no Distrito Federal é a formação de todos profissionais que atuam com a educação, para que haja um conhecimento amplo e homogêneo dentro da instituição de ensino. Ela não apresenta nenhum ponto positivo e cita como ponto negativo o fato de não haver um gerenciamento de cada série, pois os ciclos são mais amplos e globais. Quando interrogada sobre a necessidade de mudanças na secretaria para atender a escola na organização em ciclos Ivone mas uma vez

coloca que a primeira mudança é a formação voltada para os ciclos tanto de professores, quanto da área administrativa.

Diante da maneira informal com a qual a escola experimentou a possibilidade de implantar o ciclo de aprendizagem, foi inconclusivo a aplicação da pesquisa junto aos pais e alunos. Pois não foi possível que os mesmos relatassem algo palpável acerca da implantação dos ciclos de aprendizagem, devido a não terem tido acesso formal e claro sobre uma escola organizada em ciclos, apesar de já terem ouvido falar sobre o assunto em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada apontou que os ciclos ainda geram muitas discussões e dividem opiniões. Os resultados apresentados nos mostram que os ciclos para aprendizagem têm grandes potencialidades as quais poderiam favorecer uma educação de mais qualidade, porém as fragilidades demonstradas têm sido de grande peso para a resistência de boa parte dos professores na implantação dos ciclos. Com relação as questões avaliativas e progressões automáticas a pesquisa traz um indicativo de receio por parte do corpo docente no sentido de que o aluno deve ter seu tempo de aprendizado mas será que no ano seguinte ele será cuidado terá uma atenção especial para superar e sanar suas dificuldades, ou será esquecido com suas dificuldades. Apesar de conhecerem a proposta dos ciclos a respeito do trabalho diferenciado com os alunos em sala de aula, com a ideia clara de trabalhar com as dificuldades dos alunos, as fragilidades nos recursos humanos e na infraestrutura das escolas tendem a deixar os profissionais de educação mais apreensivos com os critérios avaliativos propostos pelos ciclos.

Diante dos desafios e possibilidades de se organizar uma escola em ciclos a pesquisa nos aponta que há sim condições de se ter uma organização em ciclos dentro de uma instituição de ensino, e de fato uma proposta inovadora e audaciosa, porém há grandes desafios os quais muitos não está dentro do raio de ação dos gestores. Melhorar as condições dos espaços físicos das escolas e garantir um quadro de profissionais da educação que atenda a demanda atual nas escolas públicas, talvez seja um dos maiores desafios na implantação com qualidades do sistema de ciclos.

Quanto, a avaliação percebeu-se que a proposta apresentada pelos ciclos teve relativa aceitação por parte do corpo docente, que demonstra compreender que à avaliação formativa permite uma valorização maior dos estudantes, respeitando o tempo de aprendizagem de cada um. Com o reagrupamento dos alunos se busca foca na recuperação continua trabalhando em tempo hábil as dificuldades percebidas em cada aluno, com isso a avaliação formativa tem ganhado mais espaço no trabalho pedagógico das escolas. No entanto mesmo com essa ampla

aceitação e compreensão acerca da avaliação a única questão que ainda traz um desconforto e receio aos docentes é o fato de não haver a retenção ao final de cada ano. O grande receio de professores é o desinteresse em estudar e realizar as tarefas em sala por parte de alguns alunos, por saberem que não serão retidos e com esse desinteresse não alcance um nível de aprendizagem satisfatória. Ainda que não faça uso exclusivo da avaliação formativa a escola em que ocorreu a pesquisa faz uso da avaliação somativa que apesar de ser por notas permite uma avaliação formativa observando o desenvolvimento dos alunos ao realizar suas tarefas em sala.

A proposta curricular apesar de ter sofrido algumas mudanças não foi uma questão que trouxe questionamentos, talvez o motivo tenha sido pelo fato do currículo já ter sido discutido bastante na última reorganização. O currículo em movimento no Distrito Federal, apresenta uma estrutura que atende as novas concepções de ensino da rede de ensino, tais como a educação integral, os ciclos de aprendizagem, a semestralidade e de fato reestruturando e inovando a forma de trabalhar com as séries. Uma reorganização da matriz curricular se fez necessária quando se percebeu que para construir uma educação de qualidade que atenda a todos com igualdade e justiça era preciso mudar a maneira de abordar e transmitir o conhecimento, diante das diversas transformações ocorridas no mundo atualizar com frequência a matriz curricular é fundamental para uma evolução de qualidade na educação.

Foi possível verificar que a forma de avaliação do sistema seriado não valoriza o desenvolvimento geral do aluno, pois é uma avaliação muito focada no conteúdo científico. Enquanto à avaliação nos ciclos propõe uma valorização maior na percepção do aluno em relação ao mundo em sua volta, buscando sempre relacionar o conteúdo com realidade de cada educando.

Percebeu-se com os estudos desse trabalho que para romper com paradigmas da escola seriada, também se faz necessário uma reconstrução curricular, rever as estratégias pedagógicas para que haja uma aprendizagem mais significativa. Reorganizar a matriz curricular nos possibilita criar maneiras de

transmitir os conteúdos produzindo uma aprendizagem mais significativa e nos propõe à atender as realidades demandadas de cada escola. Foi com esse intuito que a secretaria de educação do Distrito Federal propôs o currículo em movimento. E como o próprio nome já diz esse currículo estará em constante movimento buscando sempre se enquadrar no contexto pedagógico e social de escola. Esse entendimento que o currículo precisa está em constante transformação se adequando as novas realidades, nos leva a crer que a educação terá uma contínua evolução permitindo uma aprendizagem sempre significativa a cada geração vindoura.

Contudo percebe-se com este trabalho que a organização dos alunos e da matriz curricular com a escola trabalhando em ciclos, deverá ser de acordo com a realidade demandada de cada escola. Compreende-se que não há uma organização única devido a pluralidade de realidades, com isso não podemos ter um sistema de ensino engessado onde todas as escolas tenham que trabalhar de maneira idênticas. As escolas apresentam espaços físicos e estruturas diferentes de modo que é quase impossível se não irrelevante elaborar uma organização de atendimento aos alunos igual em todas. De mesmo modo as estratégias pedagógicas, que por mais que a matriz curricular tenha que manter alguns conteúdos obrigatórios para toda a secretaria de educação e também em esfera nacional é importante verificar a realidade de aprendizagem de cada escola.

Desse modo conclui-se que diante dos desafios e possibilidades temos ainda um grande árduo percurso afim de organizar um sistema de ensino que atenda com eficácia as expectativas almejadas por todos os profissionais de educação e por que não dizer dos educandos das escolas públicas que tanto sofre com as falhas dos nossos sistemas de ensino.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, José e CAUCHICK, Paulo agosto. Desenvolvimento da pesquisa de campo, amostra e questionário para realização de um estudo tipo survey sobre a aplicação do Desdobramento da Função Qualidade no Brasil. 1999. Disponível em: [http://etecagricoladeiguape.com.br/projetousp/Biblioteca/ENEGEP2001\\_TR21\\_0672.pdf](http://etecagricoladeiguape.com.br/projetousp/Biblioteca/ENEGEP2001_TR21_0672.pdf), acessado em: 17/02/2014

ANTUNES, Andréia. **Ciclos x séries: Qual o modelo ideal para a escola do Século XXI?** 2010. Disponível em: [http://www.pitangui.uepg.br/gppepe/download.php?file=Entrevista%20Ciclos\\_2010.pdf](http://www.pitangui.uepg.br/gppepe/download.php?file=Entrevista%20Ciclos_2010.pdf), acessado em: 17/02/2014

ARROYO, M. G. **Organizações escolares flexíveis: Os Ciclos de Formação** Parte de um diálogo realizado entre o professor Miguel Arroyo e a profa. Eustáquia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2003. Disponível em: <http://educando.wordpress.com/2007/04/23/106/>, acessado: 20/12/2013

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 29 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 – Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

EDE AMARAL, Maria Clara. **Avaliação nos ciclos: adiamento da exclusão? Práxis Educativa (Brasil)** [On-line] 2008, 3 (Julio-Diciembre): [Data de consulta: 06 / 01 / 2014] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89411447003>> ISSN 1809-4031

EDUCAÇÃO, Secretaria de Estado de. **Caderno de perguntas e respostas - estratégias didático-pedagógicas e avaliação nos ciclos 2013**, Disponível em: [http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric\\_mov/semestral/estr\\_did\\_pedag\\_aval\\_ciclos.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/semestral/estr_did_pedag_aval_ciclos.pdf). Acessado em: 05/01/2014

FREITAS, Henrique. **Análise de dados qualitativos: aplicações e as tendências mundiais em Sistemas de Informação.** São Paulo/SP: Revista de Administração da USP, RAUSP, v. 35, nr. 4, Out-Dez. 2000, p.84-102. Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/analise\\_de\\_dados\\_qualitativos\\_aplicacoes\\_e\\_tendencias\\_mundiais\\_em\\_sistemas\\_de\\_informacao.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/analise_de_dados_qualitativos_aplicacoes_e_tendencias_mundiais_em_sistemas_de_informacao.pdf), acessado em: 14/05/2014



FREITAS, Luiz C. "**Ciclos, seriação e avaliação**- confronto de lógicas", Moderna, SP, 2003 Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/19853454/1869283613/name/LCF-5.pdf>. Acessado em: 04/01/2014

FUZZI, Ludmila Pena. **O que é a Pesquisa de Campo?** 2010. Disponível em: <http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html>, acessado em: 19/02/2014

GOMES, Candido Alberto, **Quinze anos de ciclos no ensino fundamental: Um balanço das pesquisas sobre a sua implantação.** (2003). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a04.pdf>, acessado: 20/12/2013

\_\_\_\_\_. **Desseriação Escolar: Alternativa para o Sucesso?** (2003). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n46/v13n46a01.pdf>, acessado: 20/12/2013

JACOMINI, Márcia Aparecida. **Educar sem reprovar: desafio de uma escola para todos.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n.3, p. 557-572. Set./dez. 2009.

LIMA, E. S. **Ciclos de formação: uma reorganização do tempo escolar.** São Paulo: Sobradinho, 2002. Disponível em: [http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco\\_objetos\\_crv%7B9A2D1679-09B9-4006-AAAC-3EE48BA25FB720127923572188%7D.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv%7B9A2D1679-09B9-4006-AAAC-3EE48BA25FB720127923572188%7D.pdf), acessado em: 20/12/2013

MAINARDES, Jefferson. **A organização da escolaridade em ciclos e as políticas de currículo.** Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>, acessado em: 06/01/2014

MEC. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental,** 2012 Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=12827&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=12827&Itemid=). Acessado em: 06/01/2014

MIRANDA, Marília Gouvea de: **A organização escolar em ciclos e a questão da igualdade substantiva.** 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782009000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000100003), acessado em: 17/02/2014

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades.** 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>, acessado em: 17/02/2014

PEREIRA, Maria S. **A avaliação das aprendizagens e a escola em ciclos: o que muda na prática docente?** 2007, Disponível em: <http://www2.unimep.br/endipe/1826b.pdf>, acessado em: 17/12/2013

\_\_\_\_\_. **Currículo, avaliação e trabalho pedagógico:** um olhar tridimensional sobre a escola organizada em ciclos, 2012 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/viewFile/12332/7108>, Acessado em: 27/12/2013

PIANA, Maria Cristina. A pesquisa de campo. 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>, acessado em: 17/02/2014

PRATES, Marcos. **Educação brasileira fica entre 35 piores em ranking global**, 2013 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/educacao-brasileira-fica-entre-35-piores-em-ranking-global>, acessado em: 20/11/2013

Raissa. **Pesquisa qualitativa:** Significados de Pesquisa qualitativa. 2011. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/pesquisa%20qualitativa/>, acessado em: 18/02/2014

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade:** o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Josiane G. **O compromisso social da escola organizada em ciclos:** por uma verdadeira aprendizagem. 2005, Dissertação de Mestrado. Disponível em: [http://tede.utp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=124](http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=124), acessado em: 27/12/2013

SEDF. **CURRÍCULO EM MOVIMENTO:** Educação Básica Distrito Federal, 2012 Disponível em: [http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric\\_mov/cad\\_curric/1cur\\_educ\\_basica.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/1cur_educ_basica.pdf), acessado em: 06/01/2014

SOUSA, Sandra Z. **Avaliação, ciclos e qualidade do ensino fundamental:** uma relação a ser construída, 2007 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n60/a03v2160.pdf>, acessado em: 05/01/2014

SPINK, Perter Kevin. **Pesquisa de Campo em Psicologia Social:** Uma Perspectiva Pós-Construcionista. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a03v15n2>, acessado em: 17/02/2014

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Escola em ciclos ou ciclos na escola? 2012, Disponível em: <http://gepa-avaliacaoeducacional.com.br/escola-em-ciclos-ou-ciclos-na-escola/>, acessado em: 03/12/2013

\_\_\_\_\_. **Projeto interventivo no bloco inicial de alfabetização no Distrito Federal:** “projeto envolvente e que traz resultados a curto prazo”. 2010, Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6318>, acessado: 27/12/2013

\_\_\_\_\_. **Séries ou ciclos?** 2013, Disponível em: <http://gepa-avaliacaoeducacional.com.br/series-ou-ciclos/>, acessado em: 18/11/2013

\_\_\_\_\_. **Avaliação na escola em ciclos**, 2013 disponível em:  
<http://gepa-avaliacaoeducacional.com.br/category/ciclos-e-avaliacao/>, acessado  
em:18/11/2013

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO (Para Direção)

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Monografia em curso de especialização em Gestão Escolar. Não é necessário a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Emerson Lopes Siqueira de Souza, especializando em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - UNB

**1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/2014**

**1.1. Sexo: Masc.( ) Fem.( ) Efetivo(a) na SEDF : ( ) Temporário(a) na SEDF: ( )**

**1.2. Formação:**

Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( )

**2- Quantos anos trabalha na SEDF? \_\_\_\_\_**

**2.1. Função ou Cargo Atual que exerce: \_\_\_\_\_**

**2.2. Quanto tempo você trabalha na sua função atual?**

\_\_\_\_\_

**3- Você conhece o projeto da SEDF para organização das escolas em ciclos?**

SIM ( ) NÃO ( )

**4- Em relação a organização em ciclos no Distrito Federal assinale:**

( ) É uma proposta que melhora a educação no DF;

( ) É uma proposta que piora a educação no DF;

( ) Melhora a educação mais precisa de infraestrutura nas escolas e mais recursos humanos;

( ) É necessário que haja uma formação voltada para organização em ciclos;

( ) Outros:

\_\_\_\_\_

**5- Quais seriam os pontos positivos nas escolas de ciclos?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**6- Quais seriam os pontos negativos nas escolas de ciclos?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**7- Na sua visão de gestor(a) quais os desafios e as possibilidades de organizar uma escola em ciclos?**

Desafios: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Possibilidades: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**8- Qual foi a experiência de trabalhar com o ciclo em 2013?**

Ótima ( )   Boa ( )   Regular ( )   Ruim ( )   Não teve experiência ( )

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO (Para Professores)

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Monografia em curso de especialização em Gestão Escolar. Não é necessário a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Emerson Lopes Siqueira de Souza, especializando em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - UNB

**1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/2014**

**1.1. Sexo: Masc.( ) Fem.( ) Efetivo(a) na SEDF : ( ) Temporário(a) na SEDF: ( )**

**1.2. Formação:**

Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( )

**2- Quantos anos trabalha na SEDF? \_\_\_\_\_**

**2.1. Função ou Cargo Atual que exerce: \_\_\_\_\_**

**2.2. Quanto tempo você trabalha na sua função atual?**

**3- Você conhece o projeto da SEDF para organização das escolas em ciclos?**

SIM ( ) NÃO ( )

**4- Em relação a organização em ciclos no Distrito Federal assinale:**

( ) É uma proposta que melhora a educação no DF;

( ) É uma proposta que piora a educação no DF;

( ) Melhora a educação mais precisa de infraestrutura nas escolas e mais recursos humanos;

( ) É necessário que haja uma formação voltada para organização em ciclos;

( ) Outros:

**5- Quais seriam os pontos positivos nas escolas de ciclos?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**6- Quais seriam os pontos negativos nas escolas de ciclos?**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**7- Qual foi a experiência de trabalhar com o ciclo em 2013?**

Ótima ( ) Boa ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Não teve experiência ( )

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO (Para Secretária)

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Monografia em curso de especialização em Gestão Escolar. Não é necessário a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Emerson Lopes Siqueira de Souza, especializando em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - UNB

**1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/2014**

**1.1. Sexo: Masc.( ) Fem.( ) Efetivo(a) na SEDF : ( ) Temporário(a) na SEDF: ( )**

**1.2. Formação:**

Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( )

**2- Quantos anos trabalha na SEDF? \_\_\_\_\_**

**2.1. Função ou Cargo Atual que exerce: \_\_\_\_\_**

**2.2. Quanto tempo você trabalha na sua função atual?**

**3- Você conhece o projeto da SEDF para organização das escolas em ciclos?**

SIM ( ) NÃO ( )

**4- Em relação a organização em ciclos no Distrito Federal assinale:**

( ) É uma proposta que melhora a educação no DF;

( ) É uma proposta que piora a educação no DF;

( ) Melhora a educação mais precisa de infraestrutura nas escolas e mais recursos humanos;

( ) É necessário que haja uma formação voltada para organização em ciclos;

( ) Outros:

**5- Quais seriam os pontos positivos nas escolas de ciclos?**

---



---

**6- Quais seriam os pontos negativos nas escolas de ciclos?**

---



---

**7- Na sua opinião há uma necessidade de mudanças na secretaria para atender a escola na organização em ciclos? Quais seriam essas mudanças?**

---



---

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO (Para Pais)

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Monografia em curso de especialização em Gestão Escolar. Não é necessário a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Emerson Lopes Siqueira de Souza, especializando em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - UNB

**1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/2014**

**1.1. Sexo: Masc.( ) Fem.( )**

**1.2. Formação:**

Ensino Fundamental I incompleto ( )      Ensino Fundamental I completo ( )

Ensino Fundamental II incompleto ( )      Ensino Fundamental II completo ( )

Ensino Médio incompleto ( )      Ensino Médio completo ( )

Graduação ( )      Especialização ( )      Mestrado ( )      Doutorado ( )

**2- Você foi informado sobre a organização da escola em ciclos de aprendizagem no ano de 2013?**

SIM ( )      NÃO ( )

**3- A escola em ciclos propõe que seja respeitado o tempo de aprendizagem dos alunos, nesse sentido os alunos só poderão ser reprovados no ultimo ano de cada ciclo, mesmo que ainda não tenha dominado alguns conteúdos trabalhados no ano, com isso no próximo ano ele terá a oportunidade de superar suas dificuldades sem sofre com a reprovação. Diante desta informação diga se você concorda ou discorda dessa proposta de ensino..**

Concordo ( )      Não Concordo ( )

**4- Em relação a organização em ciclos na escola no ano passado assinale:**

( ) Foi uma proposta que melhorou a aprendizagem dos alunos;

( ) Foi uma proposta que piorou a aprendizagem dos alunos;

( ) Houve mudanças na organização da escola;

( ) Os alunos tiveram mais motivação para os estudos;

( ) Com a ideia de não haver a repetência os alunos não levaram os estudos a sério;

( ) Outros:

---



---

**5- Na sua opinião a escola em ciclos de aprendizagem pode oferecer uma educação de qualidade? Por que?**

---



---



**6- De acordo com seu ponto de vista, marque a opção que mais favorece para que muitos alunos sejam reprovados na escola?**

- ( ) Os alunos não leva a sério os estudos.
- ( ) Os conteúdos são muito difíceis.
- ( ) O ambiente escolar não favorece a aprendizagem.
- ( ) Os professores são muito exigentes.
- ( ) Falta preparo para os professores da rede de ensino.
- ( ) As má influencia dos colegas.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO (Para Alunos)

Os dados serão utilizados para pesquisas e elaboração de Monografia em curso de especialização em Gestão Escolar. Não é necessário a sua identificação.

RESPONSÁVEL: Emerson Lopes Siqueira de Souza, especializando em Gestão Escolar pela Universidade de Brasília - UNB

**1. Data do preenchimento do questionário: \_\_\_/\_\_\_/2014**

**1.1. Sexo: Masc.( ) Fem.( )**

**1.1.2. Idade: \_\_\_\_\_**

**1.2. Formação:**

6º ano ( ) 7º ano ( ) 8º ano ( ) 9º ano ( )

**2- Em 2013 a escola trabalhou com os ciclos de aprendizagem, houve diferença em relação ao sistema de seriação?**

SIM ( ) NÃO ( )

**3- O que foi interessante na escola no ano de 2013 quando foi adotado o sistema de ciclos de aprendizagem?**

---



---

**4- Em relação a organização em ciclos na escola no ano de 2013 assinale a alternativa que mais expressa sua opinião:**

( ) Ajudou na motivação dos alunos;

( ) Os professores modificaram a forma de trabalhar os conteúdos;

( ) Não foi possível observar nenhuma mudança na escola;

( ) Houve mudanças na forma de avaliar os alunos;

( ) Outros:

---



---

**5- Na sua opinião a escola organizada em ciclos de aprendizagem, motiva mais o aluno a estudar do a escola de seriação? Por que?**

---



---



---